

# Revista Adventista

Ano 77 · Nº 832 · €1,90

Setembro 2016

## O DIA DE ADORAÇÃO NO LIVRO DE ATOS

*O sábado ou o domingo?*



**O FILHO DE DEUS – A  
DIVINDADE DE JESUS  
(PARTE 2)**

Conheça os argumentos.

06



**A OBRA DE UM  
VERDADEIRO PROFETA**

Jeremias e Ellen White lado  
a lado.

22



**NOVAS DESCOBERTAS  
NA CIDADE FILISTEIA  
DE ECRON**

Fique a par das  
importantes descobertas!

26



## CHAMADOS PARA SERVIR

"De graça recebestes, de graça dai."

Mateus 10:8.

Há muitas pessoas a quem a **esperança** abandonou. Restituí-lhes a luz. Muitos perderam a **coragem**. Falai-lhes palavras de **ânimo**. Orai por eles. Há os que necessitam do **pão da vida**. Lede-lhes da Palavra de Deus. Há muitos enfermos da alma, aos quais nenhum bálsamo terrestre pode alcançar, nem médico levar **cura**.

Orai por essas almas. Levai-as a Jesus. Dizei-lhes que há Bálsamo e Médico em Gileade.

ELLEN G. WHITE, *BENEFICÊNCIA SOCIAL*, CPB, [S. D.], P. 73.

## "EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

### DIRETOR

António Rodrigues

### Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

### Coordenador Editorial

Paulo Lima

### Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

### Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

### Fotografias Ilustrativas

© Shutterstock  
E-mail revista.adventista@pservir.pt

### PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

### Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almagem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

### Controlo de Assinantes

Paulo Santos  
E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda.  
Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a  
ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



### REFLEXÃO

# 25

## O hiato

O Éden há muito que desapareceu, meus amigos! Mas ele vai voltar.



### HERANÇA ADVENTISTA

# 34

## A palavra segura

A vinda de Cristo “está perto, às portas”.



### VIDA CRISTÃ

# 30

## Recreação ou divertimento?

É errado um Cristão divertir-se? Que tipo de recreação é permitido ao Cristão?

## 04 AS TRÊS INSTITUIÇÕES EDÊNICAS EDITORIAL

## 05 MEMO / BANCO DE LEITURA

## 18 NOTÍCIAS NACIONAIS

## 06 O FILHO DE DEUS – A DIVINDADE DE JESUS (PARTE 2) > BÍBLIA

Tendo um Salvador divino, podemos estar confiantes no futuro.

## 12 O DIA DE ADORAÇÃO NO LIVRO DE ATOS > ARTIGO DE FUNDO

Tinham os primeiros Cristãos um dia de adoração estabelecido?

## 22 A OBRA DE UM VERDADEIRO PROFETA > ESPÍRITO DE PROFECIA

Conheça os paralelos existentes entre a obra de Jeremias e a obra de Ellen White.

## 26 NOVAS DESCOBERTAS NA CIDADE FILISTEIA DE ECRON > ARQUEOLOGIA

Durante as últimas três décadas, as escavações arqueológicas têm iluminado vividamente a cultura filisteia.





# As três instituições edénicas

**A**té parece mentira!... Mas é verdade. As três instituições que Deus criou no lindo Jardim do Éden para a Humanidade foram, e continuam a ser, alvo de poderosos ataques por parte do Maligno. A Criação, o casamento e a instituição do dia de Sábado como dia santo e dia de descanso semanal são alvo de uma intensa guerra por parte de Satanás, na tentativa de denegrir a imagem Deus. Gostaria de resumidamente abordar cada uma dessas instituições no mundo de hoje, em grande parte afastado da vontade de Deus.

Em primeiro lugar, o ato da Criação por parte de Deus foi alvo de fortes ataques. Confundir as mentes humanas com falsas teorias e ridicularizar o poder criador de Deus está verdadeiramente nos planos do inimigo. O seu objetivo é chamar a atenção para si e desacreditar a Palavra de Deus. O Inimigo prendeu a atenção do mundo, através de duas novas teorias contrárias à ideia da Criação, teorias que afastaram subtilmente o Homem de Deus: A Geração Espontânea e a Evolução.

A segunda instituição edénica atacada foi o casamento, que de-

veria tornar um homem e uma mulher felizes, unidos numa só carne. Eles deveriam crescer e multiplicar-se para povoar a terra para glória de Deus. Como está escrito: “Quando os princípios divinos são reconhecidos e obedecidos nesta relação, o casamento é uma bênção. Preserva a pureza e a felicidade do género humano, preenche as necessidades sociais do homem, eleva a sua natureza física, intelectual e moral” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 23, P. SerVir). Deus celebrou o primeiro casamento no Éden. No entanto, o inimigo levou o casamento para o abismo. Presentemente, o valor que o ato de casamento representa é praticamente diluído por um mundo que quebra constante os votos matrimoniais e que, por outro lado, desvirtua o curso natural do casamento em si mesmo, deixando este de ser apenas uma união de pessoas de dois sexos diferentes.

Em terceiro plano surge o dia de Sábado, que Deus instituiu para ser uma bênção para o Homem. Segundo o livro de Génesis, Deus santificou e abençoou o sétimo dia, o Sábado. O Sábado é um dia santo para comunhão com Deus e é um dia abençoado

para que possamos repousar das nossas tarefas, mas é também um dia permanentemente envolvido na missão que Deus nos confiou. A população mundial desrespeita o dia de Sábado como dia do Senhor. Muitos conhecem esta verdade, mas não respeitam o Sábado. Muitos desconhecem a santidade do Sábado, mas também não procuram informar-se.

Destas três instituições, o Sábado tem destaque no conflito entre o Bem e o Mal. O Sábado é o sinal que distingue os que fazem parte do povo de Deus e os que não fazem (Ezequiel 20:12, 20). Satanás sabe que o seu tempo está a chegar ao fim. Por isso, luta para adular e, até, substituir o que Deus fez. O mundo bebe constantemente da fonte da água da morte, em lugar de beber da água da vida que é Jesus Cristo. O Sábado é para não ser esquecido. “Lembra-te do dia de Sábado para o santificar” (Êxodo 20:8). É impossível esquecer que o Sábado foi feito por causa do Homem, pois Jesus disse que “o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Marcos 2:2). ✦

• **Pr. António Rodrigues**,  
presidente da UPASD

## MEMO

### DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

#### setembro

17	Dia de Sensibilização para a Não Violência/ Formação em Liderança (Min. da Mulher)
17	Dia do Desbravador
21 e 22	Conferência da AIDLR
23-25	Encontro de Comunicação
24	Dia das Visitas da Escola Sabatina

#### outubro

01	Dia de Jejum e Oração
01-08	Campanha de Evangelização
08	Dia do Pastor
09-16	Semana dedicada ao Serviço Social local
14-16	Formação Ministérios da Criança R.E. Norte
15	Dia do Espírito de Profecia
20-22	Convenção da ASI
22	Dia da Criação
28-30	Escola de Formação JA nível IV
28-31	Encontro 60+

### COMUNIDADE DE ORAÇÃO

#### setembro

05-09	Associação da Baixa Saxónia (NGU)
12-16	Seminário Teológico Szazava (CSU)
19-23	Associação da Suíça Alemã (SU)
26-30	Fundação Adventista para o Desenvolvimento na Alemanha (EUD)

#### outubro

03-07	Associação do Sul da França (FBU)
10-14	Casa Publicadora Búlgara (BU)
17-21	União Espanhola (SpU)
24-28	União Checoslovaca (CSU)

ANTENA 1  RTP2

### FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

19/09	Segunda-feira
03/10	Segunda-feira
17/10	Segunda-feira

### CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

23/10	Domingo
-------	---------

Estes horários de emissão podem ser alterados pela RTP2 sem aviso prévio.



BANCO DE LEITURA

## Eventos Finais

Ellen G. White

As notícias que nos chegam através dos meios de comunicação, quando interpretadas à luz do nosso conhecimento profético, deixam bem claro que estamos muito perto de viver a última e a maior crise da Terra. Esta grande crise está profetizada no livro de Daniel e no Apocalipse, mas também foi delineada nos escritos do Espírito de Profecia. O livro *O Grande Conflito* de Ellen White é um clássico na apresentação dos acontecimentos futuros que culminarão na Segunda Vinda de Jesus. No entanto, a pena inspirada tem muito mais a dizer acerca dos eventos finais que marcarão a história do nosso Planeta. Ao longo de setenta anos de ministério, Ellen White foi escrevendo sobre a crise final que envolveria toda a Humanidade, apresentando-a nos seus múltiplos aspetos. Grande



parte desses escritos foram coligidos no livro que lhe quero apresentar, caro Leitor. Trata-se da obra *Eventos Finais*. Neste livro de 175 páginas estão reunidas as mais importantes declarações de Ellen White sobre os acontecimentos que encerrarão a história humana tal como a conhecemos. Apresentando um panorama profético bem ordenado, Ellen White deixa-nos antever cronologicamente os principais eventos do tempo do fim. Entre os vinte capítulos que compõem esta obra, podemos destacar os capítulos iniciais, que caracterizam genericamente “A Última Crise da Terra” e “Os Sinais de que Cristo Voltará em Breve”, bem como o capítulo dedicado às “Leis Dominicais”, dado que estas marcarão o início da contagem decrescente para o regresso de Cristo. A partir do capítulo 12 são apresentados, por ordem, os eventos que se sucederão na Igreja e no mundo até à Segunda Vinda. Estes eventos são a sacudidura, a chuva serôdia, o alto clamor, a imposição do selo de Deus e da marca da besta, o fim do tempo da graça, as sete últimas pragas e a volta de Cristo. Ao lermos este livro de Ellen White, não só estaremos preparados para enfrentar a estupenda crise que se avizinha, como poderemos interpretar melhor os eventos históricos que se estão a suceder ao nosso redor. Ao vermos como o cenário delineado pelo Espírito de Profecia está a ser montado diante dos nossos olhos, teremos a nossa fé reforçada. Assim, seremos Adventistas do Sétimo Dia mais preparados e mais firmes. O regresso do nosso Salvador não nos apanhará desprevenidos. ✎

Paulo Lima

Editor da Revista Adventista

## PARTE 2

# O Filho *de* Deus

## A DIVINDADE DE JESUS

**N**o primeiro artigo desta série de artigos estudámos várias passagens neo-testamentárias que aplicavam a Jesus o substantivo “Deus”, que afirmavam que Ele é ontologicamente Deus e que O caracterizavam como sendo o Deus Criador. Neste segundo artigo continuaremos a interpretar os textos do Novo e do Velho Testamentos que testemunham acerca da natureza divina de Jesus, o Filho de Deus. Vamos constatar que Jesus é o eterno Eu Sou; vamos ver de perto dois textos do Evangelho de João que declaram existir uma união essencial de Jesus com Deus, o Pai; vamos analisar duas

passagens proféticas que referem a natureza divina do Messias vindouro; e, finalmente, vamos perceber que as prerrogativas divinas que são atribuídas a Jesus indicam que Ele é, verdadeiramente, Deus. Assim, convido o Leitor a acompanhar-me nesta investigação sobre a identidade divina do nosso Salvador.

### **Jesus é o eterno Eu Sou**

Vamos começar por ver um texto joanino que apresenta claramente a divindade de Jesus. De facto, em João 8:58, Jesus reclama abertamente para Si a natureza divina ao identificar-Se como o grande Eu Sou. O texto pode ser traduzido do seguinte modo:

“Jesus disse-lhes: *Ámen, Ámen*, digo-vos que antes de Abraão vir a ser, eu sou” (João 8:58). Note-se que Jesus começa a Sua declaração usando duas vezes o termo hebraico *Ámen* (“Em verdade”) para lhe conferir uma ênfase solene. Só depois faz a Sua extraordinária declaração. Nesta declaração há um notório contraste entre o verbo que é utilizado para caracterizar a existência de Abraão – *ginomai* (“vir a ser”) – e o verbo que Jesus usa para caracterizar a Sua existência – *eimi* (“ser”). Ao escolher deliberadamente estes verbos, Jesus pretende fazer notar enfaticamente a Sua existência intemporal em contraste com a existência temporária de

Abraão. Cristo está a dizer que, antes de Abraão ter vindo à existência, Ele já era eternamente existente. Portanto, à partida, Jesus faz aqui uma fortíssima declaração de pré-existência. Note-se que a declaração de Jesus não significa apenas que Ele começou a existir antes de Abraão (como pretendem os Unitarianos). Ela significa que Ele nunca *veio a ser*, porque Ele é desde sempre. Além do mais, a expressão grega que Jesus utiliza para Se referir ao Seu modo de existência – *Ego eimi* (“Eu Sou”) – é usada por Ele num sentido absoluto e remete indubitavelmente para uma passagem crucial do Antigo Testamento conhecida por todos os Judeus. Com efeito, em Êxodo 3:14, Deus declara a Moisés que o Seu nome é “Eu Sou”. O texto diz, literalmente, o seguinte: “E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós.” Vemos aqui que “Eu Sou o que Sou” (*’ehyeh ’asher ’ehyeh*, em hebreu) foi o nome que Deus atribuiu a Si mesmo na revelação dada a Moisés. Portanto,

JESUS AFIRMA QUE  
ELE É, PRECISAMENTE,  
O DEUS DO ÊXODO,  
QUE APARECEU A  
MOISÉS NA SARÇA  
ARDENTE E QUE  
LIBERTOU ISRAEL  
DA ESCRAVIDÃO  
NO EGITO.

Jesus usa para Si o mesmo nome que *Iahweh* declarara a Moisés ser o Seu nome pessoal. Isto é ainda mais claro quando se tem presente que a tradução grega que a *Septuaginta* oferece da frase hebraica que exprime o nome de Deus em Êxodo 3:14 é *Ego eimi ho on*. Assim, a declaração de Jesus – *Ego eimi* (“Eu Sou”) – não é apenas uma mera declaração de pré-existência, mas é sobretudo uma declaração de pré-existência eterna e divina. Jesus está a afirmar que Ele é, precisamente, o Deus

do Êxodo, que apareceu a Moisés na sarça ardente e que libertou Israel da escravidão no Egito. Note-se que, se Jesus quisesse dizer simplesmente que já existia antes de Abraão, Ele poderia ter dito: *Ego en* (“eu era”). Mas Ele escolheu dizer *Ego eimi* (“eu sou”), porque não pretendia afirmar apenas a Sua pré-existência, mas queria também declarar a Sua identidade divina. Ora, os Judeus entenderam claramente que Jesus estava a identificar-Se com Deus e a declarar ser Deus. Por isso, quiseram apedrejá-l’O por blasfêmia (João 8:59; cf. 10:30-33). Assim, temos em João 8:58 uma declaração enfática da divindade de Jesus.<sup>1</sup>

Outras duas declarações sobre a eternidade divina de Jesus foram reveladas a João e são apresentadas no Prólogo e no Epílogo do Apocalipse. O texto que surge no Prólogo pode ser traduzido da seguinte forma: “E quando o vi, caí aos pés dele como morto, e ele pôs a sua mão direita sobre mim, dizendo: ‘Não temas; eu sou o primeiro e o último’ (Apoc. 1:17). Nesta declaração, Jesus não está apenas a reclamar a existência



eterna para Si, o que já não seria pouco, dado que esse é o modo de ser próprio de Deus. Na verdade, Ele está a citar o texto de Isaías 44:6. Assim, a declaração de Jesus deve ser lida à luz da seguinte declaração divina registada por Isaías: “Assim diz o Senhor, Rei de Israel, e seu Redentor, o Senhor dos Exércitos: eu sou o primeiro e eu sou o último, e fora de mim, não há Deus.” Podemos ler nesta afirmação solene que o Deus de Israel é o primeiro e o último, na medida em que antes dele nenhum deus se formou e depois d'Ele nenhum deus haverá. Ele é eterno. Ora, podemos constatar que, na visão dada a João na ilha de Patmos, Jesus usa precisamente a mesma expressão para caracterizar a Sua existência. Ao fazê-lo, está também a identificar-Se implicitamente com o Deus que Se revelou ao profeta Isaías. Portanto, temos aqui uma forte afirmação da divindade de Jesus.<sup>2</sup> A expressão oriunda do livro de Isaías é citada novamente por Jesus em Apocalipse 22:13. Este texto grego pode ser traduzido da seguinte forma: “Eis que venho sem demora e o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra. Eu [sou] o Alfa e o Ómega, o primeiro e o último, o princípio e o fim” (Apocalipse 22:12 e 13). Note-se que é Jesus Cristo que está aqui a falar, pois apenas na Sua boca faria sentido a primeira frase, que se refere à Segunda Vinda. Além disso, o versículo 20 torna claríssimo que Aquele que vem sem demora é Jesus, pois João dirige-se ao que vem sem demora com a exclamação: “Ora vem, Senhor Jesus!” Portanto, Jesus declara no Epílogo do Apocalipse que é “o primeiro e o último”, porque Ele é Aquele antes do Qual nada existe e depois do Qual nada existirá;

Ele é o Deus eterno. Assim, mais uma vez, Jesus apropria-Se do título usado por Deus em Isaías 44:6. Logo, podemos concluir que Jesus possui a essência divina em comum com Deus, o Pai.<sup>3</sup>

### **A união essencial de Jesus com Deus, o Pai**

Há dois textos no Evangelho de João que merecem ser notados devido ao modo como atribuem a Jesus a posse da essência divina. O primeiro deles é João 10:30, em que Jesus afirma: “Eu e o Pai somos um.” O contexto desta extraordinária afirmação de Jesus é a descrição que Ele faz do Seu ministério enquanto Bom Pastor que veio salvar a Humanidade (cf. João 10:27-29). Ora, Jesus está consciente de ter uma personalidade distinta de Deus, o Pai, mas não deixa de afirmar que existe entre Eles uma unidade fundamental. É verdade que a palavra “um” em grego (*hen*) é do género neutro e não do género masculino como os sujeitos da conjugação do verbo “ser” (*Ego kai ho patêr ... esmen* – “Eu e o Pai somos...”). Mas significa isso que fica excluída à partida a possibilidade de a realidade desta unidade existente entre o Pai e o Filho

**O DEUS DE ISRAEL  
É O PRIMEIRO E O  
ÚLTIMO, NA MEDIDA  
EM QUE ANTES DELE  
NENHUM DEUS SE  
FORMOU E DEPOIS  
D'ELE NENHUM DEUS  
HAVERÁ.  
ELE É ETERNO.**

ser uma realidade *essencial*? Na verdade, os Judeus que ouviram a declaração de Jesus consideraram que Ele estava precisamente a reclamar para Si uma unidade *essencial* com Deus, pois pegaram imediatamente em pedras para O apedrejar por causa da alegada blasfêmia (João 10:31). De facto, em resposta à pergunta de Jesus pela razão que os levava a quererem apedrejá-l'O, os Judeus depressa apresentaram o libelo de acusação: “porque, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo” (João 10:33). Se Jesus estivesse apenas a fazer referência a uma mera união moral ou espiritual com Deus, porque teria a Sua declaração provocado uma reação tão agressiva por parte dos Seus interlocutores judeus? Convém também notar que Cristo não repudia a acusação de que é alvo, isto é, de que Se estava a fazer “Deus”. Na verdade, nos versículos seguintes Ele defende a Sua pretensão de ser o “Filho de Deus” (João 10:36) e afirma que “o Pai está em mim e eu nele” (João 10:38). Portanto, fica claro que, na Sua declaração registada em João 10:30, Jesus reclamou possuir a essência divina, colocando-Se em plena igualdade ontológica com Deus, o Pai.<sup>4</sup>

O segundo texto do Evangelho de João que atribui a Jesus a posse da essência divina encontra-se em João 14:9: “Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco e tu não me conhecestes, Filipe? Aquele que me viu, viu o Pai; como dizes tu: mostra-nos o Pai?” Por meio destas palavras, Jesus declara que Ele é a perfeita manifestação da essência de Deus, o Pai. Tudo o que Jesus faz ou diz é o Pai que faz ou diz. No entanto, Ele e o Pai são pessoas distintas. Logo, esta identidade que existe entre Jesus e Deus, o Pai, não sendo uma iden-



tidade de *personalidade*, só pode ser uma identidade de *essência*. Assim, podemos concluir que Jesus estava a declarar a Filipe que é tão Deus como o Pai, isto é, que possui a essência divina.<sup>5</sup>

### Jesus, o Messias divino

Há duas passagens do Antigo Testamento que também nos indicam claramente a divindade de Jesus. Na realidade, enquanto Cristãos, nós acreditamos que Jesus cumpriu as profecias messiânicas do Antigo Testamento. Ele é o Messias profetizado. Ora, duas dessas profecias atribuem ao Messias que viria – isto é, a Jesus – a posse da eterna essência divina. Vejamos primeiro a profecia de Isaías 9:6. O texto diz o seguinte: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz.” Note-se que o Messias vindouro é designado como sendo “Deus forte”. Portanto, o Messias Jesus não é menos Deus do que o Seu divino Pai. Para além desta passagem, o ter-

mo hebraico *El* (“Deus”) é aplicado ao Messias no Antigo Testamento apenas no Salmo 45:6. Em Isaías, o termo *El* denota sempre a Deidade num sentido absoluto. Nunca é usado de modo hiperbólico ou metafórico. Sendo assim, é impossível deixar de atribuir a essência divina ao Messias que viria. Esta ideia é reforçada pelo epíteto seguinte: “Pai da eternidade.” Aqui, Isaías atribui ao Messias vindouro uma existência eterna, isto é, o tipo de existência que é próprio de Deus. Tal como Deus é eterno, o Messias que viria seria caracterizado pela existência eterna. Isaías chama-lhe “Pai”, porque Jesus, o Messias, é o pai da Humanidade, na medida em que é o seu Criador (João 1:3; Efésios 3:9; Colossenses 1:16; Hebreus 1:2).<sup>6</sup>

A outra profecia que indica claramente a divindade do Messias vindouro encontra-se em Miqueias 5:2 e diz o seguinte: “E tu, Bethleém Efrata, posto que pequena entre milhares de Judá, de ti me sairá o que será Senhor em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.” É imediatamente

evidente que o profeta não só está a referir-se ao Messias que viria, como está também a atribuir-Lhe uma existência eterna. De facto, é dito que as “saídas” do Messias são “desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”. A palavra hebraica *motsa’oth* (“saídas”) vem da raiz hebraica *yasa’*, que significa “sair”, e é, provavelmente, um plural de majestade. Dado que o Messias é apresentado nesta profecia como Rei, o termo *motsa’oth* é-Lhe aplicado para designar as Suas diligências no cumprimento das respetivas prerrogativas reais. Pois bem, estas “saídas” do Messias verificam-se “desde os dias da eternidade”. Esta última expressão apresenta a declaração mais enfática de duração infinita de que é capaz a língua hebraica. Assim, não só é atribuída ao Messias a pré-existência anterior ao Seu nascimento enquanto homem, em Belém, como se declara também que essa pré-existência é eterna. Ora, a existência eterna é o modo próprio de existência de Deus. Logo, Miqueias está a atribuir ao Messias vindouro – isto é, a Jesus – a essência divina.<sup>7</sup>

## As prerrogativas divinas de Jesus

A identidade divina de Jesus não transparece apenas nos termos que são usados para O caracterizar. É frequente os Evangelhos atribuírem a Jesus uma autoridade que pertence apenas a Deus. Esta autoridade está patente quando Jesus perdoa pecados e recebe adoração. De facto, no episódio da cura do paralítico, que foi levado a Jesus numa cama, pelos amigos (Mateus 9:1-8; Marcos 2:1-12; Lucas 5:17-26), constata-se que Cristo tem a autoridade divina para perdoar pecados. O texto de Lucas diz o seguinte: “E vendo a fé deles, disse: Homem, os teus pecados te estão perdoados. E os escribas e fariseus começaram a discutir, dizendo: Quem é este que diz blasfêmias? Quem tem o poder de perdoar pecados senão somente Deus?” Note-se que os escribas e Fariseus partem do princípio de que Jesus, aos seus olhos um simples homem, estava a usurpar as prerrogativas

de Deus ao declarar perdoados os pecados do paralítico. É verdade que eles tinham razão quando afirmavam que apenas Deus tem o poder de perdoar pecados. Na realidade, as Escrituras do Antigo Testamento indicam claramente que Deus é Aquele que perdoa os pecados (Isaías 43:15; Jeremias 31:34). No entanto, eles erravam em não reconhecer que Jesus era muito mais do que um mero ser humano. Assim, para provar que tinha autoridade (*exousia*) para perdoar pecados, Jesus curou o paralítico (Lucas 5:24 e 25). O raciocínio de Jesus é simples. Se Ele fosse apenas um homem, sem autoridade para perdoar pecados, não poderia ter feito o milagre da cura que veio a realizar. Mais ainda, se Ele tivesse realmente blasfemado – arrogando-se indevidamente o direito de perdoar pecados, que pertence apenas a Deus – então certamente não poderia ter realizado o milagre que ocorreu, pois Deus não estaria com Ele. A ocorrência do milagre

que Ele realizou foi o aval de Deus sobre o Seu exercício de autoridade para perdoar pecados. Ora, como vimos, as Escrituras afirmam que esta autoridade pertence apenas a Deus. Assim sendo, Jesus deve ser mais do que um simples ser humano. Na verdade, ao afirmar e ao provar que tinha a autoridade divina de perdoar pecados, Jesus está a declarar publicamente que era Deus.<sup>8</sup>

Jesus também demonstrou ser Deus ao aceitar ser objeto de adoração por parte daqueles que O reconheceram como Messias. A Bíblia é clara quanto ao facto de que apenas Deus tem direito a ser adorado (Êxodo 20:3-5). O próprio Jesus defendeu este direito exclusivo de Deus à adoração quando enfrentou a tentação de Satanás no deserto. Quando o diabo se propôs como objeto de adoração, Jesus respondeu: “Vai-te, Satanás; porque está escrito: Adorarás o Senhor, teu Deus, e só a ele servirás” (Lucas 4:8; cf. Mateus 4:10). No entanto, Jesus acei-

tou ser adorado pelos Seus seguidores. Na realidade, os discípulos adoraram o Mestre depois de Ele ter caminhado sobre as águas (Mateus 14:33) e as discípulas adoraram-n'O após a Sua ressurreição (Mateus 28:9). Poderíamos dar ainda outros exemplos de adoração prestada a Jesus (cf. Mateus 2:11; 8:2; 15:25; 20:20; Lucas 24:52). Em todos estes casos de adoração, os evangelistas usam o verbo grego *proskunêō* (“prostrar-se em adoração”, “adorar”) para designar o ato que é realizado. Este é o mesmo verbo grego que é usado na *Septuaginta*, em Êxodo 20:5, para caracterizar a adoração que não deve ser prestada a outros deuses, pois deve ser exclusivamente prestada a Deus. Se Jesus fosse apenas um anjo preeminente criado por Deus, como querem fazer crer os defensores do Arianismo, então Ele certamente não teria aceite a adoração de que foi objeto. De facto, quando João se prostrou aos pés do anjo que o acompanhava nas suas visões, este recusou a adoração, dizendo-lhe: “Olha, não faças tal: sou teu conservo, e dos teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus: adora a Deus” (Apocalipse 19:10; cf. 22:9). Por outro lado, o autor de Hebreus cita uma passagem do Antigo Testamento em grego (Deuterónimo 32:43, *LXX*) para provar que até os anjos prestam adoração a Jesus Cristo (Hebreus 1:6). Assim, podemos concluir que as Escrituras revelam que Jesus é objeto de adoração por parte de seres humanos e de anjos e que Ele aceitou sempre a adoração que Lhe era prestada. No entanto, Ele censurou Satanás por este desejar ser adorado, na medida em que a adoração legítima deve ser prestada unicamente a Deus. Logo, ao aceitar ser um legítimo objeto de adoração, Jesus revelou ser Deus.<sup>9</sup>

## AO ACEITAR SER UM LEGÍTIMO OBJETO DE ADORAÇÃO, JESUS REVELOU SER DEUS.

### Conclusão

Neste segundo artigo estudamos mais alguns textos do Novo e do Velho Testamentos que atestam que Jesus eram muito mais do que meramente um ser humano. As passagens que analisámos indicam-nos que Jesus era Deus, como o Pai é Deus. Vimos que Jesus é o eterno Eu Sou; analisámos duas passagens joaninas em que Cristo declarou existir em união essencial com Deus, o Pai; estudámos duas passagens proféticas que referem a natureza divina do Messias vindouro; e, por último, percebemos que as prerrogativas divinas que são atribuídas a Jesus indicam que Ele é, verdadeiramente, Deus. Podemos, assim, concluir que o Arianismo, defendido presentemente pela Igreja Unitariana e pelas Testemunhas de Jeová, é claramente refutado pela Bíblia. Jesus Cristo não é a primeira criatura de Deus. Ele é Deus, em união essencial com Deus, o Pai, e com Deus Espírito Santo. Tendo um Salvador divino, podemos estar confiantes no futuro, pois Jesus disse: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as

arrebatará da minha mão” (João 10:27 e 28).<sup>10</sup>

• **Paulo Lima**

Editor da Revista Adventista

1. H. R. Reynolds, *The Gospel of St. John* (The Pulpit Commentary, vol. 39), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], vol. I, p. 373. Marcus Dods, *The Gospel of St. John* (The Expositor's Greek Testament, vol. 1), Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1951, p. 782. Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, Grand Rapids, MI: Zondervan, [s.d.], p. 145. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980, vol. V, p. 994. Woodrow Whidden, Jerry Moon, John W. Reeve, *The Trinity*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002, pp. 29 e 30. Max Hatton, *Understanding the Trinity*, Alma Park Grantham: Autumn House, 2001, pp. 44-46. Paul Petersen, *God in 3 Persons – In the New Testament* (Biblical Research Institute Release – 11), Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2015, p. 11.
2. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. VII, p. 740. James Moffat, *The Revelation of St. John the Divine* (The Expositor's Greek Testament, vol. 5), Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1951, p. 346. Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 554. Paul Petersen, *God in 3 Persons – In the New Testament*, p. 11. Woodrow Whidden, Jerry Moon, John W. Reeve, *The Trinity*, pp. 26 e 27.
3. Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 604. A. Plumber, T. Randell & A. T. Bott, *Revelation* (The Pulpit Commentary, vol. 51), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], p. 547. Woodrow Whidden, Jerry Moon, John W. Reeve, *The Trinity*, pp. 27 e 28. Paul Petersen, *God in 3 Persons – In the New Testament*, pp. 11 e 12.
4. H. R. Reynolds, *The Gospel of St. John*, vol. II, pp. 50 e 51. Marcus Dods, *The Gospel of St. John*, p. 794. Woodrow Whidden, Jerry Moon, John W. Reeve, *The Trinity*, pp. 56 e 57. Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 148.
5. Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 156. Marcus Dods, *The Gospel of St. John*, p. 823. H. R. Reynolds, *The Gospel of St. John*, vol. II, p. 223.
6. Woodrow Whidden, Jerry Moon, John W. Reeve, *The Trinity*, p. 49. George Rawlinson, *Isaiah* (The Pulpit Commentary, vol. 23), New York/Toronto: Funk & Wagnalls, [s.d.], vol. I, pp. 166 e 167. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. IV, p. 147.
7. W. J. Deane, *Micah* (The Pulpit Commentary, vol. 31), London/New York: Funk and Wagnalls, [s.d.], pp. 67 e 68. Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Brown, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, p. 692. Woodrow Whidden, Jerry Moon, John W. Reeve, *The Trinity*, p. 50. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. IV, p. 1025.
8. Paul Petersen, *God in 3 Persons – In the New Testament*, pp. 15 e 16. Max Hatton, *Understanding the Trinity*, p. 68. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. V, pp. 580 e 581. Alexander Balmain Bruce, *The Synoptic Gospels* (The Expositor's Greek Testament, vol. I), Grand Rapids, MI: Wm B. Eerdmans, 1951, p. 497.
9. Paul Petersen, *God in 3 Persons – In the New Testament*, pp. 16 e 17. Max Hatton, *Understanding the Trinity*, pp. 69-71. Francis D. Nichol (ed.), *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. V, p. 417. A. Lukyn Williams & W. J. Deane, *St. Matthew* (The Pulpit Commentary, vol. 34), London/New York: Funk & Wagnalls, [s.d.], vol. II, p. 66.

2016

SÁBADO

ARTIGO DE FUNDO

Kim Papaioannou

2016							
		SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
					1	2	3
4	5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26	27
28	29	30					

# O dia de adoração no livro de Atos

**T**inham os primeiros Cristãos um dia de adoração estabelecido?<sup>1</sup> Ou adoravam em qualquer dia que fosse mais conveniente? Se eles tinham um dia de adoração estabelecido, era ele o Sábado bíblico, o sétimo dia da semana? Ou seria o domingo?

Até mesmo uma leitura casual do livro de Atos revela que o Sábado surge aí de modo proeminente. Há aí dez ocorrências da palavra *sabbaton*, “Sábado”, enquanto há apenas uma referência ao primeiro dia da semana, sendo registrado que múltiplas reuniões ocorreram

no Sábado. Será que Paulo (e os outros apóstolos) se reunia com os fiéis ao Sábado *apenas* porque este era o dia em que os Judeus e os Gentios tementes a Deus estariam reunidos, possibilitando assim uma excelente oportunidade para a pregação do Evangelho? Ou será que as reuniões no Sábado eram apenas um resíduo de uma prática herdada dos Judeus e que em breve desapareceria?

Tais perguntas podem parecer ter um interesse remoto ou serem mesmo irrelevantes, mas são, de facto, relevantes para os Cristãos contemporâneos. A vasta maioria

dos Cristãos adora ao domingo e fá-lo há séculos. Uma minoria muito ativa tem optado por ter o Sábado como o seu dia de adoração. Outros defendem que qualquer dia é adequado. A prática e a manifestação dos primeiros Cristãos poderia revelar aquilo que é bíblicamente mais apropriado.

Este estudo irá explorar os padrões de adoração no livro de Atos. Estes classificam-se em três categorias no que toca o dia da semana utilizado. Primeiro, há reuniões diárias (Atos 2:44-47). Segundo, uma reunião ocorre “no primeiro dia da semana” (Atos

20:6-12). Terceiro, são mencionadas reuniões no Sábado (Atos 13:14, 42, 44; 14:1; 16:13; 17:2; 18:4; cf. 1:12; 15:21). As reuniões diárias eram provavelmente oportunidades para instrução não estruturadas, informais e *ad hoc* (Atos 2:44-47; 19:9; 20:31), não sendo serviços de culto formais, pelo que não receberão a nossa atenção aqui.

Este curto estudo focar-se-á nas duas outras categorias. Iremos primeiro explorar os textos que falam acerca de adoração no Sábado e procuraremos ver se eles indicam a existência de uma prática habitual ou meramente oportunista (tendo por propósito o trabalho missionário). Depois passaremos em revista o único texto que menciona uma reunião no domingo.

### Os textos sobre o Sábado

O Sábado é mencionado dez vezes em Atos, sendo que oito estão relacionadas com a adoração. O substantivo “Sábado” vem do verbo hebreu *sabbat*, “fazer cessar, descansar”,<sup>2</sup> designando um dia santo de descanso e adoração, um memorial dos atos criativos de Deus na história da Criação (Êxo. 20:8-11), bem como um memorial da Sua obra redentora em favor do Seu povo (Deut. 5:12-15).

As primeiras três referências de adoração no Sábado aparecem no ministério de Paulo em Antioquia da Pisídia. Lucas, o escritor de Atos, introduz a perícopa do seguinte modo: “E eles, saindo de Perge, chegaram a Antioquia da Pisídia, e, entrando na sinagoga, num dia de sábado, assentaram-se” (Atos 13:14).<sup>3</sup> A simples tradução “sábado” não transmite todo o sentido do original grego. Lucas usa a frase *têêmêratôn Sabbatôn*, que significa literalmente: “o dia que é o sábado.”<sup>4</sup> Ele usa de novo a mesma expressão em Atos 16:13.

O facto de esta frase aparecer aqui não é coincidência. Atos 13 assinala o início das viagens missionárias de Paulo. Atos 13:14 é a primeira menção das práticas de adoração de Paulo, e, como tal, dá o mote às subsequentes reuniões no Sábado por parte de Paulo. Paulo não se reúne simplesmente num dia quando encontra pessoas reunidas, de modo a poder ministrar-lhes. Ele não se reúne simplesmente no dia que os Judeus consideram ser o “sábado”. Em vez disso, ele reúne-se “No dia que é o sábado.” Como tal, esta frase oferece-nos a razão para a prática de adoração ao Sábado de Paulo – o sétimo dia é ainda o Sábado bíblico.

Tendo estabelecido este facto, Lucas não sente necessidade de reafirmar a sua tese, pelo que nas três referências ao Sábado, em Atos 13,<sup>5</sup> bem como na maioria das outras referências no livro de Atos,<sup>6</sup> ele refere-se ao dia simplesmente usando o substantivo titular “sábado”.

Na sinagoga, Paulo e Barnabé são convidados a falar. Na conclusão da reunião, Paulo apela às pessoas reunidas na sinagoga, Judeus e Gentios devotos, a que “permanecessem [*prosmenein*] na graça de Deus” (Atos 13:43). O verbo grego *prosmenein* significa “permanecer, ficar com, continuar”.<sup>7</sup> É evidente que, para Paulo, o conhecimento acerca da obra redentora de Jesus não exigia uma rutura com a prática de adoração da sinagoga.<sup>8</sup>

Antes de partirem, os apóstolos são convidados a falar de novo no Sábado seguinte (Atos 13:42). Paulo concorda com o seu pedido e espera toda uma semana. Se o domingo se tivesse tornado no novo dia de adoração para os Cristãos, ele podia ter convidado os Judeus e prosélitos a reuni-

rem-se com ele no dia seguinte. Mas, em vez disso, ele espera uma semana inteira. “E no sábado seguinte, ajuntou-se quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus” (Atos 13:44).

A menção seguinte do Sábado encontra-se em Atos 16:13: “E no dia de sábado, saímos fora das portas [de Filipos], para a beira do rio, onde julgávamos ter lugar para oração; e, assentando-nos, falámos às mulheres que ali se juntaram.” Aparentemente, não havia uma sinagoga em Filipos, porque uma sinagoga requeria a existência de um *quórum* de dez homens. Não havendo sinagoga, as pessoas reuniam-se perto do rio para orarem. Paulo esteve presente no serviço de culto e teve a oportunidade de falar e de converter Lídia e a sua família.

De Filipos, Paulo viajou para Tessalónica, e aí ele menciona de novo a adoração ao Sábado: “E, passando por Anfípolis e Apolónia, chegaram a Tessalónica, onde havia uma sinagoga de judeus. E Paulo, como tinha por costume [*kata to eiôthos*], foi ter com eles; e, por três sábados, disputou com eles sobre as escrituras” (Atos 17:1 e 2). Este texto é particularmente interessante porque ele fala acerca do costume de Paulo, *eiôthos*, de ir à sinagoga. Por que razão Paulo tinha o costume de frequentar a sinagoga? Seria porque ele guardava o Sábado? Ou porque tal lhe dava a oportunidade de fazer trabalho missionário, como, por vezes, se presume?

Em Lucas 4:16, Lucas usa uma expressão idêntica em relação a Jesus: “E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume [*kata to eiôthos*], na sinagoga, e levantou-se para ler.” O Sábado em questão é o primeiro Sábado referido no decurso do ministé-

rio público de Jesus. Nesta fase precoce, “o seu costume” de frequentar a sinagoga já estava bem estabelecido e não estava, assim, relacionado com o seu ministério de pregação e de ensino.

Além do mais, no grego, as afirmações (a) “entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga” e (b) “levantou-se para ler” estão separadas pela conjunção de coordenação *kai*, que serve para ligar duas afirmações independentes.<sup>9</sup> Como tal, o costume que Jesus tinha de visitar a sinagoga cada Sábado era independente de qualquer pregação ou ensino que Ele realizava ali – Jesus ia à sinagoga porque isto era o que Ele queria fazer e porque Ele tinha o hábito de assim proceder.

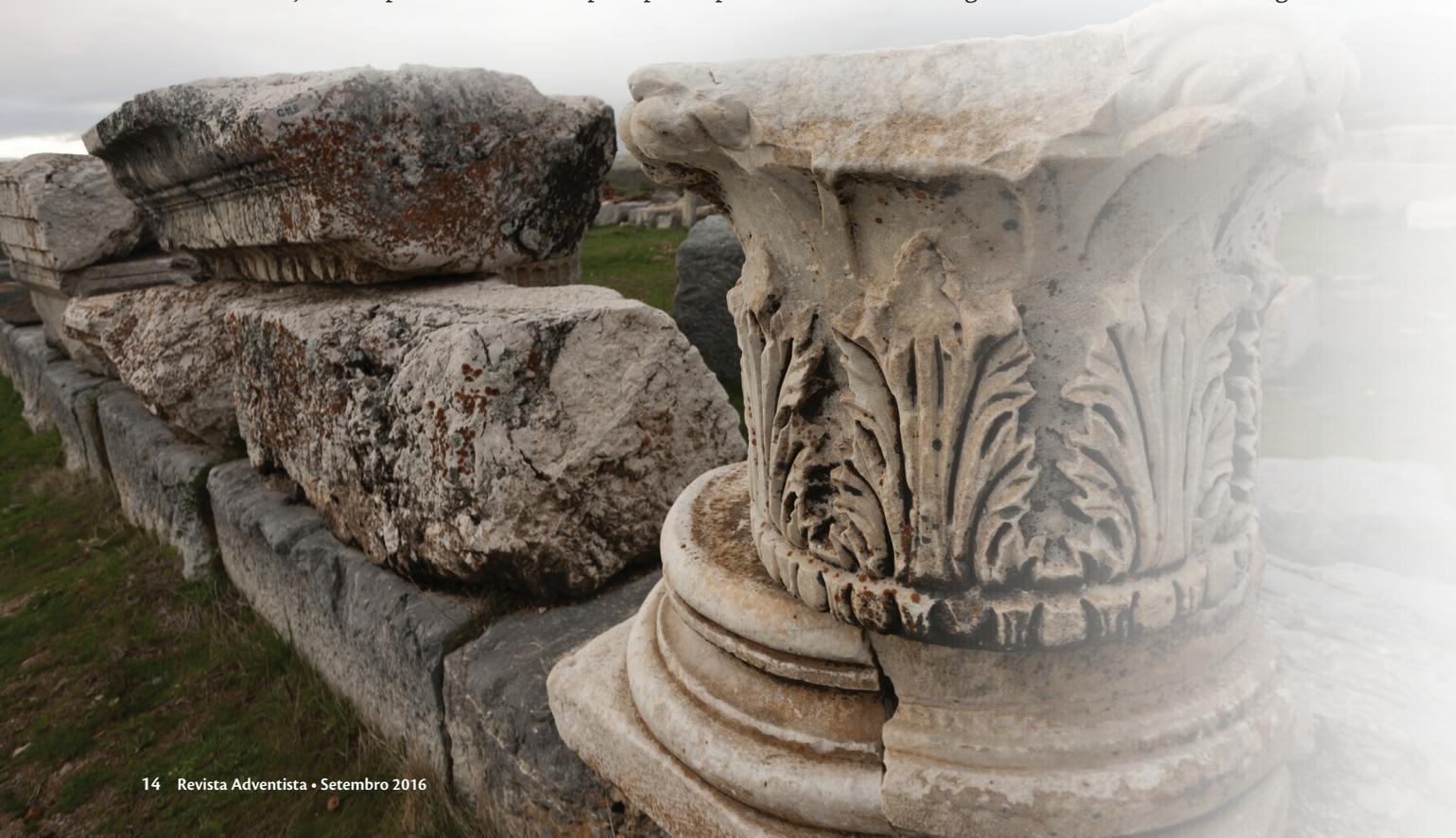
A mesma conclusão é válida para Paulo. Tal como em Lucas 4:16, a primeira cláusula de Atos 17:2 – “Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles” – está separada pela frase seguinte pela mesma conjunção de coordenação *kai*, indicando de novo que estamos perante duas afirmações independentes.

Em Atos 14:1, Lucas faz a mesma inferência, mas de um modo mais subtil. Depois de descrever o ministério bem-sucedido de Paulo em Antioquia da Pisídia no Sábado, ele introduz o ministério de Paulo em Icônio com as seguintes palavras: “E aconteceu que, em Icônio, entraram juntos da mesma forma [*kata to auto*] na sinagoga dos judeus, e falaram, de tal modo, que creu uma grande multidão, não só de judeus, mas de gregos.” *Kata to auto*, literalmente, “da mesma forma”, refere-se aos eventos anteriores na Antioquia da Pisídia e ao costume dos apóstolos de frequentarem a sinagoga.<sup>10</sup> Mais uma vez, a frequência da sinagoga é separada do ministério na sinagoga pela conjunção de coordenação *kai* em grego, indicando duas afirmações independentes.

Assim, concluímos, com base na sintaxe de Lucas 4:16 e de Atos 14:1 e 17:2, bem como no contexto de Lucas 4:16, que Jesus e Paulo tinham o costume de frequentar regularmente a sinagoga ao Sábado para participarem no culto de

adoração, independentemente de qualquer atividade de pregação ou de ensino em que eles se envolvessem quando ali estavam. A adoração ao Sábado era parte da sua educação e da sua experiência espiritual.

A estadia de Paulo em Tessalónica não foi demorada, e ele avançou para Bereia, Atenas e Corinto, onde ficou dezoito meses (Atos 18:11). Enquanto ali esteve, “todos os sábados disputava na sinagoga, e convencia a judeus e gregos” (Atos 18:4), o que dá a soma de 78 Sábados.<sup>11</sup> Caso Paulo tivesse habitualmente desconsiderado o Sábado, ele dificilmente teria continuado a frequentar a sinagoga. Quando a desavença entre ele e os judeus incrédulos aconteceu, ela não ocorreu por causa de uma mudança no comportamento de Paulo ao Sábado, mas porque os Judeus se opuseram à proclamação que Paulo fazia sobre Jesus ser o Cristo (18:5 e 6). David Seccombe observa que a separação da Igreja e da sinagoga “não foi motivada teologica-



mente, nem final, mas imposta a Paulo pelas atitudes daquele grupo de Judeus”.<sup>12</sup>

Quando Paulo foi forçado a deixar a sinagoga, ele estabeleceu reuniões na casa de Tito Justo (Atos 18:7). Lucas acrescenta que a casa de Justo era *sunomorousa*, “na porta ao lado” da sinagoga. A inclusão deste detalhe é surpreendente, não sendo apenas uma informação casual sobre a geografia cívica de Corinto. Em vez disso, Paulo estava a estabelecer uma solução alternativa, mas paralela, para adoração e comunhão. H. L. Ellison refere, de modo significativo, que, para os crentes, seria mais fácil, se eles estivessem “no distrito judeu da cidade, [...] para evitar ver imagens de ídolos [...] e para serem capazes de evitar um contínuo insulto, quando observassem o sábado”.<sup>13</sup>

Depois de ano e meio em Corinto, Paulo foi até ao porto próximo de Cencreia, entrou num barco, e viajou para Éfeso (Atos 18:18 e 19). Lucas diz pouco sobre o ministério de Paulo em Éfeso. A visita foi breve, e quando lhe pediram para ficar mais tempo, ele declinou o convite, prometendo, no entanto, que regressaria (Atos 18:20 e 21). Em Éfeso, ele deixou Áquila e Priscila, dois coobreiros,<sup>14</sup> e avançou para Cesareia e Antioquia, concluindo a sua segunda viagem missionária. Ele regressou a Éfeso durante a sua terceira viagem missionária, mas apenas depois de ter primeiro visitado as igrejas na Galácia e na Frígia (Atos 18:23).<sup>15</sup> Não é claro exatamente quanto tempo passou entre as duas visitas a Éfeso, mas terá passado pelos menos um ano, talvez mais.<sup>16</sup>

No entanto, fica claro que Áquila, Priscila e o grupo de crentes em Éfeso continuavam a reunir-se no Sábado na sinagoga.

## PAULO NÃO FREQUENTAVA A SINAGOGA SIMPLESMENTE POR CAUSA DE UM PROPÓSITO MISSIONÁRIO, MAS PORQUE, COMO JESUS, ESSE ERA O SEU COSTUME.

Quando um crente Judeu chamado Apolo<sup>17</sup> chegou à cidade e pregou na sinagoga, Áquila e Priscila acolheram-no em casa e “lhe declararam mais pontualmente o caminho de Deus” (Atos 18:26). Apolo recebeu então cartas de recomendação dos “irmãos” – um termo que poderia referir-se quer a Judeus,<sup>18</sup> quer a Cristãos<sup>19</sup> da sinagoga, ou a ambos – e partiu para Corinto. Quando Paulo regressou a Éfeso, ele juntou-se aos outros Cristãos na frequência da sinagoga durante três meses (Atos 19:8), até que a sua ousada pregação gerou oposição e Paulo se transferiu para uma escola situada nas proximidades (Atos 19:9). Mais uma vez, o seu afastamento da sinagoga não foi o resultado de uma escolha pessoal ou teológica, mas foi uma escolha forçada pela oposição dos Judeus.

Há mais dois textos relevantes. Em Atos 15:21, Tiago declara: “Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue, e cada sábado é lido nas sinagogas.” O contexto desta afirmação é o Concílio de Jerusalém, que abriu o caminho para a aceitação dos Gentios na Igreja. As palavras de

Tiago que citámos estão na conclusão da decisão do Concílio e foram destinadas a sublinhar o facto de que a decisão do Concílio estava em harmonia com “Moisés” (i. e., o *Pentateuco*). O facto de serem mencionados os serviços de adoração da sinagoga, que ocorriam “cada sábado” indica que os Cristãos frequentavam esses serviços, pois, caso contrário, a afirmação não teria qualquer sentido relevante.

Finalmente, Lucas calcula, em Atos 2:12, a distância entre Jerusalém e o Monte das Oliveiras como sendo “a distância do caminho de um sábado” (i. e., cerca de 900 metros). Tanto Lucas, o autor de Atos, como Teófilo, o destinatário de Atos, eram provavelmente de origem gentia. O facto de eles fazerem tais referências ao Sábado provavelmente significa que eles guardavam o Sábado. De facto, por que razão haveria Lucas de se referir à “distância de um sábado”, se tal conceito fosse já irrelevante?

Nesta breve consideração dos textos relacionados com o Sábado no livro de Atos, destaca-se um certo número de pontos. Primeiro, Lucas apresenta a frequência sabática de Paulo com a expressão *têêmêratôn sabbatôn*, “o dia que é o sábado” (13:14), uma frase que, como foi anteriormente dito, sublinha que o sétimo dia é o dia do Sábado bíblico. Como tal, essa frase apresenta uma justificação para as práticas de Paulo no Sábado – o dia de adoração de Paulo era o Sábado bíblico. Segundo, Paulo não frequentava a sinagoga simplesmente por causa de um propósito missionário, mas porque, como Jesus, esse era o seu costume. A atividade missionária era um *bônus*. Terceiro, a frequência da sinagoga ao Sábado não estava

limitada a umas poucas reuniões iniciais para ganhar conversos, mas, sempre que possível, a frequência ao Sábado era uma prática recorrente. Quarto, quando Paulo deixava de frequentar a sinagoga, tal não ocorria devido a uma escolha pessoal ou devido à necessidade de instituir práticas de adoração alternativas, mas ficava a dever-se à oposição dos Judeus que se recusavam a aceitar Jesus como sendo o Cristo.<sup>20</sup> Quinto, eram consideradas implicitamente como normais a frequência da sinagoga ao Sábado (Atos 15:21) e a prática do Sábado (Atos 1:12).

### O primeiro dia da semana no livro de Atos

Em contraste com a profusão de referências à adoração no Sábado, há apenas uma referência a uma reunião realizada no primeiro dia da semana: Atos 20:7. Não surpreende que este texto se tenha tornado no foco de uma intensa atenção por parte dos defensores do estatuto especial do domingo.<sup>21</sup> Ben Witherington escreve que “no v. 7 temos, talvez, a primeira referência ao facto de que era no primeiro dia da semana (i. e., no domingo) que os Cristãos se reuniam para confraternizar e ouvir a pregação”.<sup>22</sup> Guthrie, sem citar qualquer documentação de apoio, afirma que “por volta desta altura parece ser prática usual os crentes reunirem-se desta forma” na tarde de domingo para celebrar a Ceia do Senhor.<sup>23</sup> São justificadas tais afirmações?

Atos 20:7 encontra-se no contexto do ministério de Paulo em Troas (Atos 20:6-12), o qual durou sete dias (20:6). O texto afirma que “no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão, Paulo, que

havia de partir no dia seguinte, falava com eles; e alargou a prática até à meia-noite”. A discussão sobre este texto apoia-se em dois pontos: (a) Refere-se a frase “partir o pão” à Ceia do Senhor ou a uma refeição comum? (b) Esta reunião ocorreu num Sábado à noite ou num domingo à noite? Iremos responder em seguida a estas duas perguntas.

A resposta à primeira pergunta depende da interpretação da frase “partir o pão”, *klasaiarton*. As duas palavras aparecem juntas mais treze vezes no Novo Testamento. Oito vezes elas referem-se a refeições comuns,<sup>24</sup> e cinco vezes referem-se à Ceia do Senhor.<sup>25</sup> Assim, lexical e bíblicamente, as duas opções acima indicadas são possíveis.

Para determinar a natureza do “partir o pão” em Troas, precisamos de ter em conta o contexto. Aqui, duas coisas favorecem a interpretação de que se tratava de uma refeição comum. Primeiro, embora os crentes e Paulo estivessem juntos para “partir o pão”, apenas Paulo parece ter comido: “E [Paulo] subindo, e partindo o pão, e comendo” (Atos 20:11).<sup>26</sup>

Segundo, temos a seguinte sequência: Paulo fala até à meia-noite (Atos 20:7); Eutico morre e é ressuscitado (Atos 20:9 e 10); Paulo parte o pão; come; e depois fala até à alvorada (20:11). Se esta refeição era a Ceia do Senhor, ela foi celebrada depois da meia-noite, o que é improvável. As evidências indicam que se tratou de uma refeição comum para se proceder à despedida de Paulo, na qual, aparentemente, apenas Paulo comeu, pois precisava de ganhar forças para falar toda a noite.<sup>27</sup>

A questão seguinte está relacionada com o preciso período de tempo em que a reunião se realizou. Esta foi claramente uma

reunião noturna (Atos 20:8). Há duas teorias opostas: (1) se se aplica aqui o calendário bíblico, o dia começa ao pôr-do-Sol,<sup>28</sup> pelo que a parte escura do “primeiro dia da semana” é o Sábado à noite.<sup>29</sup> (2) se se aplica o calendário romano, então o dia começa à meia-noite,<sup>30</sup> sendo que, neste caso, a reunião noturna em Troas realizou-se no domingo à noite.

Que calendário usou Lucas? As evidências são esmagadoramente favoráveis à tese de que Lucas usou o calendário bíblico. Bacchiocchi, na sua obra *From Sabbath to Sunday* (Do Sábado para o Domingo), forneceu ampla evidência que apoia esta tese. Ele indica o relato da crucificação por Lucas (Lucas 23:54); as referências ao ano festivo e aos costumes Judeus (Atos 12:3 e 4; 16:1-3; 18:18; 20:16; 21:24, 26); e as repetidas menções do Sábado, que é claramente um conceito bíblico (Atos 13:14, 42, 44; 15:21; 16:13; 17:2; 18:4).<sup>31</sup> Eu acrescentaria Lucas 23:44 e Atos 2:15, pois ambos estes textos apresentam as horas do dia segundo o costume dos Judeus. À luz de todas estas evidências, podemos concluir que a reunião de Troas, descrita em Atos 20, foi uma reunião realizada num Sábado à noite.

Assim, o que aconteceu em Troas? Paulo chegou a Troas depois de uma viagem de cinco dias desde Filipos e ficou em Troas durante sete dias (Atos 20:6). Dado que ele partiu cedo no domingo de manhã, ele deve ter chegado a Troas na segunda-feira anterior.<sup>32</sup>

Nós não sabemos o que Paulo fez de segunda-feira até Sábado, mas, a julgar pelo seu modo de ministrar, ele provavelmente passou o seu tempo a encorajar os crentes (Atos 20:31) e a planear o modo de prosseguir a sua viagem (Atos 20:5). No Sábado, segundo o seu

costume (Atos 14:1; 17:2), ele teria visitado uma sinagoga ou teria realizado uma reunião alternativa com os crentes cristãos. A confraternização no Sábado prolongava-se usualmente até à tarde ou, mesmo, até à noite.<sup>33</sup> Num certo momento depois do pôr-do-Sol na noite de Sábado, os crentes e Paulo voltaram a encontrar-se para confraternizarem pela partilha da Palavra e de uma refeição e para se despedirem. Paulo pregou até à meia-noite (Atos 20:7). Depois ele ressuscitou Eutico, que tinha tido um acidente (20:8-10); consumiu alguma comida – pois a essa altura ele estava provavelmente com fome; pregou até à alvorada; e partiu para Assos (20:13).

## Conclusão

Tivemos em consideração um grande número de textos. Por um lado, temos múltiplas referências à adoração ao Sábado, sendo esta intencional, habitual, repetidamente praticada e independente de qualquer consideração missiológica. Por outro lado, temos uma referência a uma reunião realizada no primeiro dia da semana, que ocorre num Sábado à noite, porque Paulo irá partir cedo de manhã.

Tudo o que anteriormente foi dito está de acordo com a crença de que os primeiros Cristãos eram Sabatistas e continuavam a ver o Sábado como sendo um dia de repouso e de adoração. Mas não pode estar de acordo com as sugestões que afirmam que a partir da Cruz e da ressurreição o domingo substituiu o Sábado ou que o Sábado foi abolido. ✠

**• Kim Papaioannou**  
Pastor

1. Por “dia de adoração” nós queremos dizer um dia posto à parte do resto dos dias da semana por ser santo para Deus, no qual a adoração acontece regularmente, tal como o Sábado tem sido um dia de ado-

ração (Lev. 23:2).

2. William L. Holladay, *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1996), s.v. “sabbat”.

3. Todos os textos bíblicos citados neste artigo são da versão *João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida*.

4. Kim Papaioannou, “Naming the Days of the Week: Overlooked Evidence into Early Christian Sabbatarian Practice”, *Ministry*, January 2015, pp. 25-28.

5. Atos 13:27, 42, 44.

6. Atos 1:12; 15:21; 17:2; 18:4.

7. Henry George Liddell e Robert Scott, *A Greek-English Lexicon* (Oxford: Clarendon, 1996), p. 1519.

8. Gerhard A. Krodel sublinha tal continuidade e descobre-a nos sermões de Paulo, começando com a eleição de Israel (Atos 13:17), passando pelo cumprimento da promessa (Atos 13:29-37), até chegar à oferta de perdão através de Cristo (13:38 e 39). *Acts* (Minneapolis, MN: Augsburg, 1986), p. 245.

9. Daniel B. Wallace, *Greek Grammar Beyond the Basics* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996), pp. 293-302.

10. F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1951), p. 324.

11. Num dado momento, ele teve de deixar a sinagoga, mas quando isso aconteceu não é indicado pelo texto. Mas está claro que ele permaneceu na sinagoga durante um considerável período de tempo, como indica o grego *kata pan Sabbaton*. Cf. Eckhard J. Schnabel, *Paul the Missionary* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2008), pp. 104-107.

12. David Seccombe, “The New People of God” in *Witness to the Gospel*, eds. I Howard Marshall e David Peterson (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998), p. 364. As afirmações de Seccombe são feitas em relação às atividades dos Judeus em Antioquia da Pisídia, mas sem dúvida que também se aplicam a Corinto.

13. H. L. Ellison, “Paul and the Law – ‘All Things to All Men’” in *Apostolic History and the Gospel*, eds. W. Ward Gasque e Ralph P. Martin (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970), p. 197.

14. Atos 18:18; Romanos 16:3; I Coríntios 16:19; II Timóteo 4:19. Áquila era um Judeu do Ponto que tinha trabalhado com a sua esposa Priscila em Itália, mas tinha sido forçado a deixar a península italiana devido a um decreto do Imperador Cláudio que expulsou todos os Judeus de Roma (Atos 18:2). Donald Guthrie faz notar que esta expulsão pode estar relacionada com distúrbios ocorridos entre os Judeus e, possivelmente, os Cristãos, distúrbios que são mencionados pelo historiador romano Suetónio. Isto poderia sugerir que o casal já era Cristão antes da sua chegada a Corinto. *The Apostles* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1975), p. 154.

15. Schnabel, *Paul the Missionary*, pp. 107-111.

16. Schnabel situa a primeira chegada de Paulo a Éfeso no fim do verão de 51 d.C. e a segunda visita no verão de 52 d.C.. *Paul the Missionary*, pp. 104, 107. Joseph Fitzmyer situa a conclusão da segunda viagem missionária por volta de 52 d.C. e o começo da terceira viagem missionária na primavera de 54 d.C., o que faz com que o intervalo entre as duas visitas de Paulo a Éfeso tivesse sido de cerca de dois anos. *The Acts of the Apostles*, The Anchor Bible, vol. 31 (New York: Doubleday, 1998), p. 633.

17. Debate-se se Apolo já era Cristão durante a sua visita a Éfeso, mas a maior parte das evidências sugere que ele já o era. Cf. Darrell Bock, *Acts*, Baker Exegetical Commentary of the New Testament (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2007), pp. 591 e 592.

18. E. g., Atos 2:29, 37; 3:17; 7:2; 13:15, 26, 38; 22:1.

19. E. g., Atos 1:16; 6:3; 9:30; 11:1, 29; 12:17; 14:2; 15:1, 3, 7, 13, 22 e 23; 17:6, 10.

20. Este apego à sinagoga e ao sábado é verificado pela História. A *birkathaminim* é uma oração introduzida nas sinagogas no fim do primeiro século da nossa era com o objetivo de “expulsar os Cristãos das sinagogas”, segundo M. M. B. Turner. “The Sabbath, Sunday, and the Law in Luke/Acts” in *From Sabbath to Lord's Day*, ed. D. A. Carson (Eugene, OR: Wipf and Stock, 1999), p. 125. A oração

consistia numa maldição invocada sobre os Cristãos. Quando um frequentador da sinagoga era suspeito de ser Cristão ou, mesmo, de ser um mero simpatizante do Cristianismo, ele era convidado a dizer essa oração. Qualquer hesitação em recitar a maldição confirmaria a sua inclinação para o Cristianismo. Samuele Bacchiocchi faz notar que vários Padres da Igreja confirmam o uso continuado da *birkathaminim* e cita Justino Mártir, *Diálogo* 16; Epifânio, *Adversus Haereses* 29 e Jerónimo, *In Isaiaim*, PL 24, 87 e 484. *From Sabbath to Sunday* (Vatican: Pontifical Gregorian University Press, 1977), p. 158.

21. Veja Gerhard A. Krodel, *Acts* (Minneapolis, MN: Augsburg, 1986), p. 378; Jerome Crowe, *The Acts: New Testament Message* (Wilmington, DE: Michael Glazier, 1979), p. 152; Charles John Vaughan, *Studies in the Book of Acts* (Minneapolis, MN: Klock & Klock Christian, 1890), pp. 449-459.

22. Ben Witherington III, *The Acts of the Apostles: A Socio-Rhetorical Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998), p. 606. Veja também Paul K. Jewett, *The Lord's Day* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1971), p. 61.

23. Guthrie, *The Apostles*, pp. 259 e 260.

24. Mateus 14:19; 15:36; Marcos 8:6; 8:19; Lucas 24:30; Atos 2:46; 20:11; 27:35.

25. Das cinco vezes, quatro referem-se à instituição da Ceia do Senhor no aposento alto (Mat. 26:26; Mar. 14:22; Luc. 22:19; I Cor. 11:24). Aqui, o ato de partir o pão não era, em si mesmo, um ato com significado cultural, mas era uma parte normal da refeição da Páscoa. Como tal, há apenas uma referência – I Coríntios 10:16 – em que a frase “partir o pão” se refere claramente à Ceia do Senhor enquanto celebração litúrgica distintivamente cristã.

26. A afirmação de Thomas Walker de que a frase “partiu o pão e comeu” (Atos 20:11) implica que se trata de uma referência à Ceia do Senhor (“partiu o pão”) e não a uma refeição comum (“e comeu”) vai desnecessariamente para além do que é credível. Ambos os verbos estão na terceira pessoa do singular sem qualquer indicio de que Paulo (a) partilhou o pão, ou (b) de que outros também o comeram. *Acts of the Apostles* (Grand Rapids, MI: Kregel, 1984), p. 469.

27. Witherington admite que não é claro se houve alguma Ceia do Senhor envolvida na refeição, mas alude a I Coríntios 11 onde a Ceia do Senhor parece ter sido celebrada no contexto de uma refeição comum, na esperança de que a refeição em Troas também tenha incluído uma Ceia do Senhor. Esta sua abordagem é especulativa. O facto de que a Ceia do Senhor podia ocorrer como parte de uma refeição comum não implica de forma alguma que cada refeição mencionada no Novo Testamento incluía uma Ceia do Senhor. *The Acts of the Apostles*, p. 606. Cf. Bock, *Acts*, p. 619.

28. Veja Robert Leo Odom, *The Lord's Day on a Round World* (Nashville, TN: Southern Pub. Assn, 1970), pp. 20-26.

29. R. C. H. Lenski admite que foi usado um calendário bíblico, mas argumenta que se tratou de uma reunião no domingo à noite com base no facto de que a reunião teria começado antes do pôr-do-Sol e, como tal, era uma reunião no “primeiro dia” segundo o modo judeu de calcular. *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (Minneapolis, MN: Augsburg, 1934), pp. 824 e 825. No entanto, o texto não menciona qualquer reunião anterior ao pôr-do-Sol, e devemos interpretar a referência ao “primeiro dia” como se referindo à reunião noturna. Ele admite que, a partir de Atos 20:7, “pouco se pode provar” em favor da observância do domingo.

30. Veja Robert L. Odom, *Sabbath and Sunday in Early Christianity* (Washington, DC: Review and Herald, 1977), pp. 28-33.

31. Bacchiocchi, *From Sabbath to Sunday*, pp. 105 e 106.

32. Se usarmos a contagem inclusiva dos dias usada na Bíblia, em que cada parte de um dia é contada como um dia inteiro.

33. Mateus 12:1-8; Marcos 1:29-32; 2:23-28; Lucas 4:38-40; 14:1; Atos 13:43; 16:14 e 15.

## SETE PRINCESAS PARA O REINO DE DEUS

**Eurico Vidro**  
*Promotor Bíblico*

Como fruto do trabalho do Espírito Santo na igreja de Sacavém, esta regista, com agrado, a realização de mais uma cerimónia de batismos, presidida pelo seu pastor, Enoque Nunes. De facto, a 21 de maio de 2016, sete princesas desceram às águas batismais, selando o seu compromisso com Jesus. Eis um pouco das suas histórias. A Luísa conheceu a Igreja através do seu pai, Leonel, que se batizou na nossa igreja a 16 de novembro de 2013. Começou os estudos bíblicos em Sacavém, no ano de 2013, continuou a estudar com o Irmão Esteves na igreja de Mirandela e veio a

terminar os estudos de novo em Sacavém. A Catarina conheceu a Igreja através do livro missionário *Para Além da Imaginação*, tendo sido incentivada a tornar-se Adventista por uma jovem da igreja de Sacavém. A Patrícia conheceu a Igreja Adventista do Sétimo Dia através da

sua mãe, que fora batizada na igreja de Sacavém a 23 de maio de 2015. A Wilma conheceu a nossa Igreja através do testemunho de vários irmãos e amigos. A Mónica conheceu a Igreja Adventista do Sétimo Dia através dos seus avós na Roménia e foi incentivada a seguir Jesus

por um irmão da igreja de Sacavém que é seu colega de trabalho. A Luciana conheceu a nossa Igreja através de um membro da igreja de Sacavém que é invisual, tendo sido influenciada pelo seu testemunho. Este irmão tem trazido para a igreja muitas almas. Finalmente, a Olinda conheceu a nossa Igreja através de uma amiga, que foi batizada em novembro de 2015. Louvamos Deus pelo espírito de testemunho e de discipulado demonstrado pelos irmãos da igreja de Sacavém, que têm contribuído para um crescimento bem significativo deste distrito pastoral. Até à presente data, já ultrapassámos neste quinquénio a barreira dos cem batismos. Que o santo nome de Jesus Cristo seja glorificado para sempre! 🙌



## BATISMOS EM COIMBRA

**Carlos Santos**  
*Dep. de Comunicação da IASD de Coimbra*

Cada decisão pessoal pelo batismo por imersão é sempre uma expressão da corajosa vitória do novo crente fundamentada na vida do Salvador e na verdade da Sua Palavra. Mais uma vez, a igreja de Coimbra teve a grande bênção de testemunhar com santa alegria esta bendita cerimónia no batistério das suas instalações. Na tarde de Sábado do dia 5 de setembro de 2015, desceram às águas batismais três almas, por esta ordem: Manuel Veloso, a quem o signatário visitou semanalmente e acompanhou durante um ano e meio numa Clínica

de Coimbra, onde continua internado; Talita Santos e Gardénia Pereira, instruídas e assistidas pela dedicada Obreira Bíblica, Irmã Maria del Cármen. A mensagem que o Pr. José Lagoa trouxe à igreja naquela abençoada hora baseou-se na importante declaração do glorificado Salvador: “Quem crer e for batizado será salvo” (Marcos 16:16). Quanto ao decisivo compromisso batismal, o exame aos candidatos esteve a cargo do Irmão Carlos Santos. Na sequência das respostas afirmativas dos candidatos, foram estes aceites por unanimidade, pelos irmãos presentes, como membros da igreja de Coimbra e, então, devidamente encaminhados para descerem às águas do batistério, onde o

Pr. José Lagoa os esperava para officiar a cerimónia batismal requerida pelo Evangelho eterno. Findo o ato solene, foram entregues aos novos irmãos em Cristo os respetivos Diplomas de Batismo, assim como livros e arranjos de flores, de modo a registarem aquele momento como o início de um novo caminho a seguir em companheirismo com Jesus. Toda a assembleia que testemunhou o solene evento teve a feliz oportunidade de cumprimentar, um a um, os novos crentes e

desejar-lhes, com fraternos abraços, beijos e palavras de conforto, as maiores felicidades em Cristo, até que Ele volte em glória e luz. 🙌





## BATISMOS EM ALBUFEIRA

**Luís Carlos Fonseca**  
Pastor da IASD de Albufeira

No sábado 16 de julho, três jovens deram testemunho público, através do batismo, de que aceitavam Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor. Estas conversões são fruto da ação do Clube de Desbravadores da igreja de Albufeira e também resultam de estudos

bíblicos realizados de forma sistemática em favor dos interessados. Samuel Silvestre, André Sena e João Portela foram recebidos como membros da nossa igreja, estando empenhados em proclamar a Segunda Vinda de Jesus. É com muita alegria que damos as boas-vindas aos nossos novos irmãos, desejando as maiores bênçãos de Deus para eles e para os seus familiares. 🌿



## EVANGELIZAR NA ERA DIGITAL NO DISTRITO PASTORAL DE SACAVÉM

**Dep. de Comunicação**  
da IASD de Sacavém

Estamos na Era Digital, em que os computadores têm trazido inovação a várias áreas da vida. Em fração de segundos, conectamo-nos com o mundo todo graças à Internet. Foi este o desafio que a Cristina, com formação académica em Economia, sentiu há três anos, quando não encontrou resposta à interro-

gação: Porque existe o mal? Sem respostas no mundo real, pesquisar foi a saída. Um manancial de informação surgiu na net. Ela deu assim início a um percurso em busca de respostas, passando por várias áreas filosóficas e religiosas. Até que surge a página do professor Adventista Walter Veith. No conforto do seu lar, vai assimilando e meditando cada vídeo cheio de ensinamentos. Ali não só encontra a resposta para a perturbado-

ra questão, como também vê abrir-se à sua frente o caminho da verdade. Deus é real e está prestes a voltar à Terra! É isto o que a profecia bíblica ensina. Já sentia no seu coração palpitar a mensagem Adventista. Que povo é este? Onde estão em Portugal? Pesquisou e encontrou o contacto telefónico do Pr. Enoque Nunes, na página da igreja Central de Lisboa. Faz um telefonema expressando a vontade de conhecer a Igreja, manifestando o desejo de se batizar e experimentando um turbilhão de emoções e de informação que culmina, após um período de estudo doutrinário, na descida às águas batismais na igreja de Sacavém numa chuvosa, mas abençoada, manhã de sábado. Assim, a 7 de maio de 2016, a Cristina torna-se membro desta calorosa e missionária comunidade. Com este testemunho queremos sensibilizar os leitores desta notícia para

a missão. A evangelização pela Internet é um dos meios mais eficazes para se alcançar os pecadores digitais. Levemos em conta as pessoas que, sentindo-se desprezadas, se refugiam nesse universo irreal e fantástico. Elas também são merecedoras de receber a mensagem de esperança.. Há muito trabalho a ser feito, tanto no mundo real, quanto no digital. A nossa missão consiste em falar de Cristo a todos, por todos os meios. Onde estiver um pecador, aí estaremos nós, real ou digitalmente, para anunciar que Jesus Cristo salva e que, em breve, virá buscar-nos. Aguardemos, pois, “a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo” (Tito 2:13). Portanto, aproveitemos todos os recursos disponíveis para a colheita de preciosas almas para o reino de Deus. Jesus está prestes a voltar! 🌿



### ERRATA

Na notícia sobre o falecimento do irmão Hermínio Monteiro, publicada na *Revista Adventista* de julho de 2016, foi por lapso mencionado o Pastor Manuel Viegas como sendo o oficiante do seu batismo. Na verdade, o oficiante do batismo do nosso irmão foi o Pastor Marcelino Viegas. Fica feita a correção.

## HALAL FESTIVAL 2016

Pr. José Lagoa  
Serviços de Música e Liturgia

No dia 18 de junho, realizou-se mais uma vez o *Halal Festival*. Desta vez ele foi acolhido pela igreja de Avintes, que estava completamente lotada. No Festival deste ano pudemos desfrutar de mais oito novas músicas, compostas propositadamente para ele. Durante este quinquênio temos realizado anualmente este evento especial,

sendo ele organizado pelo Serviço de Música e Liturgia. O nosso objetivo é o de motivar a composição de novas músicas. Este foi mais um ano em que a Igreja nacional foi abençoada com mais músicas inéditas, que têm como fim louvar e adorar o Senhor. Para a realização deste evento tivemos mais de oitenta pessoas envolvidas, desde a equipa coordenadora até aos músicos, passando pelos técnicos de som e imagem, pela equipa local

e por uma série de outros colaboradores. Para além das músicas que foram apresentadas no Festival, tivemos também a participação de um grupo de jovens das igrejas de Avintes, Porto e Canelas, que fechou o Festival, e um grupo das igrejas de Matosinhos e Braga que abriu o Festival. Há motivos para estarmos gratos pela participação dos vários grupos e pelas músicas inéditas dos vários compositores. O Serviço de Música e Liturgia informa

também que, como resultado do *Halal Festival* do ano passado e deste ano, será gravado um CD, cujo objetivo é solidário, revertendo o dinheiro angariado para um projeto social da ADRA. Queremos terminar esta notícia com as palavras inspiradas do Salmista: “Senhor, quero dar-te graças de todo o coração e falar de todas as tuas maravilhas. Em ti quero alegrar-me e exultar, e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo.” Salmo 9:1 e 2. 🌿

## ENCONTRO INTER-RELIGIOSO DE JOVENS MEET IR NO FUNDÃO

Paulo Sérgio Macedo  
Diretor do Dep. de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos

Estiveram reunidos em Silvares, no Fundão, entre 19 e 22 de julho, dezasseis jovens de sete comunidades religiosas presentes em Portugal, com o simples objetivo de se conhecerem e trocarem impressões sobre como poderão atuar em benefício da sociedade. A Igreja Adventista do Sétimo Dia esteve representada através de dois jovens da Igreja da Amadora, Jónatas Nogueira, 22 anos, e Inês Rosa Mendes, 18 anos.

Este encontro foi organizado pelo Alto Comissariado para as Migrações, entidade governamental responsável pelo incentivo ao diálogo inter-religioso, com o apoio do Grupo de Trabalho para o Diálogo Inter-Religioso, em que a IASD participa. Quer o ACM, quer as comunidades religiosas esperavam que



este encontro possibilitasse a troca de conhecimento e de experiências entre os jovens, sem qualquer tipo de intenção de louvor ou culto em comum.

Durante estes dias, o grupo teve a possibilidade de participar em debates; realizar trabalho solidário, confeccionando alimentos num forno comunitário e distribuindo-os; fazer passeios pela Natureza circundante e visitas de cariz cultural; e ainda conceber uma carta comum sobre a importante ação dos jovens de fé nas comunidades e

na sociedade. O encontro terminou com a visita de líderes das denominações envolvidas, oferecido pela autarquia local e pelo ACM.

Agradecemos aos jovens Jónatas e Inês por terem aceitado representar a sua Igreja, bem como pelo bom testemunho dos seus princípios e do relacionamento com jovens que, como eles, vivem intensa e sinceramente a sua fé. 🌿



“Não sabia bem o que iria encontrar, mas acabei por ser

surpreendida. Durante o primeiro almoço estávamos todos um pouco tímidos, mas, ao fim da tarde, depois de algumas atividades quebra-gelo, começámos a partilhar jogos e charadas uns com os outros. Ao contrário do que seria de esperar, nenhuma parte do programa era sobre religião ou incentivava ao debate religioso. Falámos sobre o que é o diálogo intercultural e inter-religioso e também das preocupações comuns face à sociedade em que vivemos. Destas conversas resultou uma carta, escrita por todos os participantes, destinada a motivar e incentivar os jovens a agir contra os problemas do nosso mundo. Nos tempos livres, como não podia deixar de acontecer, surgiram conversas saudáveis e questões sobre as crenças religiosas de cada um.

Este encontro ajudou-me a compreender melhor quem me rodeia e a saber ouvir e respeitar opiniões diferen-

tes da minha; mas também a fazer ouvir a minha opinião e manifestar a diferença com mais segurança."

**Inês Rosa Mendes**



"Quando recebi o convite fiquei bastante entusiasmado com a ideia e com grandes expectativas. Senti também uma enorme honra e responsabilidade em poder representar perante outras comunidades as nossas crenças e o nosso estilo de vida. Apesar de os

17 jovens presentes serem de comunidades diferentes e de cada um ter crenças e pontos de vista muitas vezes opostos, nunca houve debates polémicos nem zangas. Antes pelo contrário, criou-se um ambiente de amizade e de compreensão. Qualquer pergunta sobre doutrinas ou pontos de vista teológicos era feita por pura curiosidade e sem intenção crítica, além de serem feitas apenas nos tempos livres, pois o foco do programa não era debater Teologia. Quando o programa chegou ao fim, confesso

que não me importaria de ficar mais um dia, pois, estes jovens, apesar de terem pontos de vista diferentes dos meus, eram jovens preocupados com a religião e com uma visão do mundo muito semelhante à nossa. Gostei bastante da organização e do cuidado que tiveram em ter comida vegetariana, que por sinal estava sempre ótima. Após ter conhecido pessoas de outras religiões mais de perto, e de ver alguns dos seus pontos de vista, sinto-me mais forte nas minhas crenças, sinto que cresci e

que agora olho para os outros de maneira diferente: sem medo e sem preconceitos. Acredito também que é importante ter uma boa relação com as outras religiões em Portugal, para que nos possamos ajudar mutuamente em questões de Liberdade Religiosa, e para que os outros saibam até onde estamos dispostos a ir. Recomendando a todos os jovens Adventistas que, se um dia tiverem hipótese de participar num evento semelhante, não percam a oportunidade.

**Jónatas Nogueira**

## NOTÍCIAS INTERNACIONAIS



# FILME E SÉRIE TELEVISIVA SOBRE OS PIONEIROS ADVENTISTAS

ANN/RA

Depois de muitos anos de planeamento, de procura de financiamento e de produção, Chester Stanley, antigo presidente da União Australiana, viu realizado o seu sonho ao ser finalizada a produção cinematográfica e televisiva que tem por título "Tell the World" ("Anuncia ao mundo") e que conta a história dos Pioneiros da nossa Igreja. "Tell the World" foi produzida pelo *Hope Channel*, a cadeia de televisão oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, na Austrália. Trata-se da

maior produção mediática da história da denominação. Ela narra o nascimento e o desenvolvimento do movimento Adventista e foi produzida com o recurso a 95 atores, 157 técnicos e 1000 figurantes.

"Tell the World" permitirá aos espectadores verem os Pioneiros Adventistas estudarem as Escrituras, debaterem assuntos teológicos e vencerem um amargo desapontamento, sendo patente o modo como eles foram conduzidos e inspirados por Deus na sua busca pela verdade. A sede mundial da nossa Igreja está a coordenar a distribuição do projeto, que será disponibiliza-



do em três formatos diferentes: várias curtas metragens históricas, que serão tornadas públicas em agosto de 2016; uma série televisiva com seis episódios, que será emitida pelo *Hope Channel* em outubro de 2016; e um filme de longa metragem, que será disponibilizado mais tarde no *Netflix*, *iTunes*, *Amazon* e *Google Play*. O mês de outubro foi selecionado para emitir a série "Tell the World", porque se pretende recordar aos Adventistas o Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844.

Este projeto foi concebido para ajudar os membros da nossa Igreja a ligarem-se mais profundamente ao

movimento Adventista e a redescobrirem o que significa ser Adventista. "Tell the World" também fornecerá uma oportunidade para dar a conhecer melhor a Igreja Adventista do Sétimo Dia às pessoas que não pertencem à denominação. "Acredito que este filme será um encorajamento espiritual tremendo para o povo de Deus e para o público em geral", disse Ted Wilson, Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia. "Tell the World" será dobrado em Francês, Espanhol e Português. Durante os próximos três anos será também legendado nas 30 línguas mais faladas no mundo. 🍀





# A obra de um verdadeiro profeta

---

**U**m dos modos de Deus lançar uma ponte sobre o abismo que o pecado criou entre Ele e a Humanidade é através da ação dos profetas. Nas experiências de Jeremias podemos ver mais claramente como é a obra de um profeta. E podemos estabelecer alguns paralelos com a experiência de Ellen G. White, uma profetisa que está mais perto da nossa época.

## **A formação de um profeta**

Deus é Aquele que chama os profetas para a Sua obra, e Ele

chamou Jeremias: “Antes que te formasse no ventre, te conheci, e antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta” (Jeremias 1:5).

Jeremias não se sentiu adequado para o ministério de profeta. Ele disse: “Eis que não sei falar; porque sou uma criança” (Jeremias 1:6). Mas Deus tinha-o escolhido, e Ele assegurou-lhe: “Não temas... porque eu sou contigo” (Jeremias 1:8). Jeremias concordou em servir como profeta apenas quando Deus lhe assegurou a Sua presença.

De modo semelhante, quando Ellen Harmon (mais tarde chama-

da Ellen White), uma moça doente e tímida, com pouco mais de 17 anos, com pouca educação formal, viu as dificuldades que o seu chamado implicaria, ela implorou a Deus para que escolhesse outra pessoa. Ela até ansiou pela morte, como uma alternativa bem-vinda ao seu chamado. Temia vir a ceder a um orgulho pecaminoso e, assim, perder a salvação. Noutra visão, dada pouco tempo depois da primeira, o anjo disse-lhe: “Se esse mal que temes te ameaçar, a mão do Senhor estender-se-á para te salvar; ... Ele atrair-te-á para si e preservará a tua humil-

dade. Comunica a mensagem fielmente; persevera até ao fim, e comerás do fruto da árvore da vida e beberás da água da vida.” Ela escreveu mais tarde, quando saiu do transe da visão: “Eu entreguei-me ao Senhor, pronta para obedecer às suas instruções, fossem elas quais fossem.”<sup>1</sup>

### **O método que Deus usa**

Jeremias recebeu a sua primeira mensagem através de uma visão. “Ainda veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Que é que vês, Jeremias?” (Jeremias 1:11.)

Como recebeu Ellen Harmon (White) a sua primeira mensagem – e muitas outras depois desta? Ela escreveu: “Foi não muito depois de ter passado o tempo em 1844 que a minha primeira visão me foi dada.”<sup>2</sup>

O padrão bíblico para se receber mensagens proféticas é claro: elas vêm através de visões. Algumas pessoas pretendem, por vezes, que Deus está a dar-lhes mensagens através de outros métodos, como, por exemplo, pensamentos impressos na mente. Mas isto é diferente do padrão bíblico, pois tais pensamentos não são visões.

Por vezes estas outras supostas mensagens vêm sobre a forma de um ditado que o recetor deve escrever palavra por palavra. Mais uma vez, isto é diferente do método que Deus usou no passado, pois tanto os escritores bíblicos como Ellen White tinham de assumir a responsabilidade de expressar nas suas palavras as mensagens que recebiam através de inspiração divina.

Números 12:6 também menciona os sonhos, juntamente com as visões, como um método que Deus usa para Se comunicar com os Seus profetas. A maioria dos sonhos não é inspirada, procede do funcionamento natural

da mente humana. Por isso, Jeremias avisou para não se aceitar de forma acrítica os sonhos como sendo uma orientação divina (veja Jeremias 23:25-28).

Mas Deus também tem usado sonhos para Se comunicar com os Seus profetas. Ellen White teve muitas visões na sua experiência inicial como profetisa, mas, mais tarde na sua vida, ela recebia as mensagens divinas principalmente sob a forma de sonhos proféticos. A principal distinção entre visões e sonhos radica no período em que eles eram dados: as visões eram dadas de dia, e os sonhos proféticos eram dados à noite.

### **Uma importante marca de um profeta**

No seu conflito com o falso profeta Hananias, Jeremias indicou o teste das predições cumpridas: “O profeta que profetizar paz, quando se cumprir a palavra desse profeta, será conhecido por aquele a quem o Senhor, na verdade, enviou” (Jeremias 28:9). Este é um dos testes explícitos do verdadeiro profeta indicados pelas Escrituras (veja também Deuteronomio 18:22). A profecia de Jeremias, em Jeremias 28:15-17, realizou-se, enquanto a profecia de Hananias (em Jeremias 28:1-4) não se realizou.

Durante uma carreira profética de 70 anos, Ellen White teve visões que passaram repetidamente no teste das predições cumpridas. Em 1848, quando os crentes não tinham qualquer organização e não tinham dinheiro, foi-lhe mostrado que a obra das Publicações, que James White deveria iniciar, iria tornar-se como “correntes de luz” que circundariam o globo terrestre.<sup>3</sup> A nossa obra de Publicações nos dias de hoje tem uma amplitude mundial. Em 1850, ela predisse o sur-

gimento do espiritismo a partir das “pancadas misteriosas” que se verificaram inicialmente no lar das irmãs Fox, em Nova Iorque.<sup>4</sup> As ideias espíritas estão amplamente disseminadas hoje, mesmo no seio da cultura ocidental. Em 1861, ela predisse a irrupção da Guerra Civil Americana. A maioria das pessoas daquele tempo pensava que não haveria guerra, mas a guerra veio a eclodir mais tarde nesse mesmo ano.<sup>5</sup> Na década de 1890, quando as pessoas acreditavam no progresso constante da Humanidade, ela predisse que viria uma terrível guerra mundial, com milhares de navios sendo destruídos e com o sacrifício de milhões de vidas humanas.<sup>6</sup> Os horrores da I Guerra Mundial e, ainda mais, da II Guerra Mundial cumpriram aquela predição.

Estas e muitas outras predições foram cumpridas. Mas Jeremias diz-nos que algumas profecias verdadeiras podem não ser cumpridas. Deus diz: “Se a tal nação, contra a qual falar, se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe” (Jeremias 18:8). A verdadeira profecia pode ser condicional, dependendo da reação das pessoas.

### **O denegrir de um profeta**

A vida de Jeremias revela uma infeliz realidade para os profetas de Deus – as acusações e a oposição contra eles. Líderes judeus proeminentes afirmaram que a mensagem de Jeremias não vinha de Deus. “Tu dizes mentiras; o Senhor, nosso Deus, não te enviou a dizer: Não entreis no Egito, para lá peregrinardes; Baruch, filho de Nérias, é que te incita contra nós” (Jeremias 43:2 e 3). Baruch era o escriba de Jeremias (Jeremias 36:4).

Da mesma forma, houve pessoas no tempo de Ellen White (e



desde então) que afirmaram que as mensagens dela provinham de fontes humanas, não de Deus – elas seriam copiadas de livros escritos por outros, ou seriam o resultado do seu acidente na infância, ou ela seria influenciada por James White, pelo seu filho William White, etc.. Nós podemos antecipar que haverá sempre oposição a um verdadeiro profeta.

### **A missão de um profeta**

Judá no tempo de Jeremias tinha-se afastado muito do ideal de Deus. Os Judeus estavam a seguir os deuses dos seus vizinhos – uma tentação que ainda temos de enfrentar! Foi isto que causara a destruição e o exílio de Israel 100 anos antes, e agora Judá estava a fazer o mesmo.

Jeremias também tinha de lidar com falsos profetas, cuja influência combatia contra os esforços de reforma nacional. Ele menciona-os como sendo aqueles que “esforçam as mãos dos malfeitores” e “dizem continuamente aos que me desprezam: O Senhor disse: Paz tereis” (Jeremias 23:14, 17). Ele contrasta a obra deles com a obra de um verdadeiro profeta nesta declaração de Deus: “Mas, se estivessem no meu conselho, então fariam ouvir as minhas palavras ao meu povo, e

os fariam voltar do seu mau caminho e da maldade das suas ações” (Jeremias 23:22).

A obra de um verdadeiro profeta será *sempre* contra os abusos morais e espirituais do povo de Deus, chamando-o para ser fiel ao seu Deus. Apelar às pessoas para que se desviem dos seus pecados não é uma obra agradável. As pessoas ficam zangadas. Mas esta é a obra essencial de um profeta. Um profeta genuíno deve reprovar o pecado, desviando as pessoas dos seus maus caminhos.

Nós encontramos muito deste tipo de atividade na obra de Ellen White. Ela era fiel em reprovar o pecado, em dar esperança e em apelar às pessoas para que fossem fiéis a Deus. Ela não achava isto agradável. A certa altura da sua vida, ela disse que preferia morrer do que ter de dar mais uma mensagem de censura.<sup>7</sup> Mas Deus amparou-a, e a Igreja tem sido protegida e abençoada pela sua missão de nos levar a sermos fiéis a Deus e à Sua Palavra.

A missão de um verdadeiro profeta consiste em nos dizer: Sigam as indicações de Deus! Sejam-Lhe fiéis! Confie em n'Ele, mesmo quando isso parece ser difícil de fazer, e estarão em terreno firme.

Pelos padrões humanos, o mi-

nistério de Jeremias não parecer sido bem-sucedido. O rei rejeitou os seus apelos. O povo não acreditou nele. O exílio chegou. E mesmo o remanescente que foi deixado na terra de Judá continuou a rebelar-se. Mas a mensagem de Jeremias era verdadeira, e tem, desde essa data, ministrado em favor do povo de Deus ao longo dos anos.

Pela graça de Deus, decidamos acreditar nos Seus profetas, mesmo quando eles censuram os nossos pecados ou as nossas ideias acalentadas. Deus prometeu que prosperaremos. E aqueles escritos proféticos dar-nos-ão novos vislumbres de Deus, uma nova apreciação do Seu caráter e do Seu amor, e um desejo mais profundo de comungar com Ele para sempre. ✦

**• William Fagal**

Vice-Diretor do White Estate

1. Ellen G. White, *Life Sketches of Ellen G. White*, Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1915, pp. 69-72.

2. *Idem*, p. 64.

3. *Idem*, p. 125.

4. Veja Ellen G. White, *Supplement to the Experience and Views of Ellen G. White*, Rochester, NY: James White, 1854, pp. 5 e 6.

5. Veja *General Conference Daily Bulletin*, 31 de janeiro, 1893, p. 61.

6. Ellen G. White, *Last Day Events*, Nampa, Ida.: Pacific Press, 1992, p. 24.

7. Ellen G. White, *Selected Messages*, Washington, DC. Review and Herald, 1980, livro 3, pp. 36 e 37.

# O hiato

Recentemente encontrei alguém que já não via há cerca de 35 anos. Ela casou-se três vezes, divorciou-se duas vezes, e, de acordo com os indícios na sua voz e na sua linguagem corporal, não me admiraria se, em breve, o número de casamentos e de divórcios viesse a ficar empatado. Ela também tinha quatro filhos, que pareciam estar tão perturbados pela vida como ela. Eu lembro-me dela há três décadas e meia, e não tenho dúvida de que, nessa época, como jovem mulher que sonhava com o seu futuro, sobre quem seria o seu marido e sobre como seria a sua vida, três maridos e alguns miúdos viciados em drogas não faziam parte do plano.

A vida está cheia de surpresas, não está? As nossas narrativas costumam ser escritas, não sob forma de poesia lírica, mas em prosa – prosa severa, arenosa, salpicada com advérbios e adjetivos que não colocaríamos ao lado dos substantivos e verbos da nossa vida, caso pudessemos escolher. Quando eu, que caminho para a idade de 58 anos, penso em muitos amigos da minha geração, dificilmente consigo imaginar quão vasto deve ser o hiato entre o que eles esperavam receber da vida e o que eles realmente receberam. Maus casamentos (algumas vezes mais do que um por pessoa), finanças desequilibradas, pouca saúde, miúdos doentes, mortes inesperadas, desapontamentos amargos, amizades fracassadas, vícios. Não há dúvida de que todas estas coisas

não fazem parte do argumento que escrevemos para nós mesmos. É claro que Adão e Eva, ao segurarem os seus dois recém-nascidos nos braços, também não teriam escrito que um deles assassinaria o outro. Zípora, quando casou com Moisés, certamente não teve o futuro que esperava ter. E pensa que a vida de casada de Lea foi aquilo que ela, quando era menina, tinha sonhado? E o jovem Jeremias? Fossem quais fossem as suas esperanças e ambições, elas certamente não incluíam ser censurado, castigado e considerado um traidor pela sua nação. E não teriam David e Bateba preferido uma narrativa diferente daquela que acabou por ocorrer? Não há dúvida de que Urias certamente teria gostado que assim fosse. E duvido que a vida de Job tenha sido aquilo que ele, quando era jovem, tinha antecipado e esperado para si. E embora João Batista tivesse uma vocação que incluía dificuldades, e talvez até soubesse desde muito novo que a sua sorte não seria fácil, não é preciso ser engenheiro de foguetões para se imaginar que, fossem quais fossem os seus sonhos, eles não incluíam ser preso numa prisão imunda durante muito tempo, e, finalmente, por causa do capricho depravado de alguém, ter a sua cabeça cortada. Também duvido de que Saulo de Tarso, o ambicioso Fariseu, esperasse na sua juventude que a sua vida iria incluir as seguintes experiências: “Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites, menos um, três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui

apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; em viagens, muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadiga, em vigílias, muitas vezes, em fome e em sede, em jejum, muitas vezes, em frio e nudez. Além das coisas exteriores, me oprime, cada dia, o cuidado de todas as igrejas” (II Cor. 11:24-28).

E quanto a Jesus? É verdade que Jesus veio à Terra para morrer; esse era realmente o Seu objetivo. Mas do ponto de vista do Seu lado humano, o lado que gritou no Getsemani: “Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice” (Mat. 26:39), ser espancado, humilhado, gozado e crucificado aos 33 anos certamente não era algo que seja quem for ambicionasse.

Não há dúvida, a vida pode sujar-nos, e realmente fá-lo. Mas isso não deveria ser surpreendente, pois não? O que esperava de um mundo caído como o nosso? O Paraíso? O Éden há muito que desapareceu, meus amigos! Mas ele vai voltar! E quanto isso acontecer, o hiato entre o que a nossa vida é agora e aquilo que ela será nessa data será infinitamente maior do que o hiato entre o que esperávamos obter quando éramos jovens e aquilo que realmente obtivemos. ✦

· **Clifford Goldstein**

Editor do Manual da Escola Sabatina



# Novas descobertas *na cidade filisteia* *de Ecron*

**D**urante as últimas três décadas, as escavações arqueológicas têm iluminado vividamente a cultura filisteia, mais do que qualquer outra cultura antiga dos tempos bíblicos. Até hoje, as escavações conduzidas em Asdod, Asquelon, Gath e Ecron re-

velaram uma arquitetura distinta e artefactos que manifestam a natureza avançada do modo de vida dos Filisteus.

## **Origens**

Segundo a Bíblia, os Filisteus eram originários das ilhas e das terras costeiras do Mar Egeu,

possivelmente de Creta. Ezequiel 25:15 e 16 retrata os Filisteus estabelecendo um paralelo profético com os Quereteus (ou Cretenses), enquanto Jeremias 47:4 e Amós 9:7 os associam com Caftor, a qual pode ser identificada com a região de Creta. Registos de campanha egípcios parecem confirmar isto



na sua menção da chegada dos “Povos do Mar”, que incluíam os Tjeker, Denten, Sharduna e Weshesh, mencionados pelos faraós Merneptah e Ramsés III.<sup>1</sup> Entre estes grupo de “Povos do Mar”, os *prst* (Peleset) ou Filisteus são mencionados pela primeira vez durante o oitavo ano de Ramsés III (1176 a.C.). Sabemos, a partir dos registos egípcios do tempo de Ramsés III, que ocorreram significativas batalhas terrestres e navais entre este grupo de povos e os Egípcios. Ainda se discute se os Filisteus foram instalados na área costeira de Cananea pelos Egípcios após a sua derrota ou se os Filisteus se instalaram ali por sua livre iniciativa. As evidências arqueológicas revelam a sua primeira e ampla instalação durante o princípio do século doze a.C.. A Bíblia refere-se a cinco principais cidades dos Filisteus: Asdod, Asquelon, Ecron, Gaza (Jeremias 25:20; Amós 1:8; Sofonias 2:4) e Gath (Josué 11:22; I Samuel 5:8; Amós 6:2).

### **Descobertas recentes em Ecron**

Em Tel-Miqne/Ecron foram realizadas 13 escavações entre 1981 e

1996, lideradas conjuntamente por Seymour Gitin, do Instituto W. F. Albright de Jerusalém, e Trude Dothan, da Universidade Hebraica de Jerusalém, conjuntamente com outras 22 instituições patrocinadoras. O sítio de 35 hectares está localizado a sudoeste da moderna cidade de Tel Aviv, na planície costeira.

As primeiras fases da ocupação filisteia que se seguiram à destruição da cidade cananea exibem amplas salas com lareira, apresentando estas afinidades marcadas com salas com lareira semelhantes descobertas na região do Egeu.<sup>2</sup> Em 1994, a norte desta área, foi encontrada uma forte concentração de um tipo específico de cerâmica no nível inicial de ocupação. Esta cerâmica está relacionada com as formas e os estilos de cerâmica encontrados em toda a Grécia continental, em Creta, em Chipre, na Síria e na Turquia. Ela influenciou a cerâmica bicrômica filisteia presente nos subsequentes níveis de ocupação. A Análise de Ativação de Neutrões e a descoberta de um grande número de fornos de produção de cerâmica revelou que esta cerâmica foi manufaturada localmente. Estes aspetos significativos apontam para conexões cruciais

existentes entre a cultura filisteia e o mundo egeu.<sup>3</sup>

No início do décimo século a.C., Ecron foi completamente destruída e abandonada, na sequência da onda de destruição que varreu a Filisteia.<sup>4</sup> Embora os arqueólogos ainda não tenham a certeza de que a destruição tenha sido causada pelos Israelitas comandados por David ou pelos Egípcios liderados por Siamun, David pode ter sido, de facto, o responsável. Depois da destruição, foi reestabelecido um pequeno povoado no local, mas este revela-se insignificante quando comparado com a grande cidade fortificada que o precedeu. A área de ocupação de 4 hectares restringiu-se à acrópole norte e foi construída sobre uma série de plataformas monumentais de pedra. A ocupação deste local mais pequeno estendeu-se, segundo a sequência dos tipos de cerâmica descobertos, até ao oitavo século a.C..

Apenas após o sétimo século, quando se tornou numa cidade-estado vassala do Império Assírio, é que Ecron se expandiu consideravelmente, passando a abranger mais de 35 hectares. Os reis Assírios Sargão II e Senecharib capturaram a cidade e mantiveram-na



sob a sua jurisdição imperial. Durante a época dos seus sucessores, Esarhaddon e Ashurbanipal, a cidade tornou-se num centro urbano de produção de azeite altamente desenvolvido e centralizado, detendo a mais ampla capacidade para a produção de azeite de todo o Médio Oriente.<sup>5</sup> Os arqueólogos contaram até hoje 105 instalações de produção de azeite em Ecron, que produziriam anualmente 1000 toneladas de azeite, requerendo mais de 48 000 jarros para armazenagem.<sup>6</sup>

Durante as escavações realizadas em 1994/1996, um templo neo-assírio de proporções monumentais foi descoberto, incluindo entradas frontais e laterais com limiares de quatro metros de comprimento e assentes numa única pedra. Este monumento revelou, até hoje, ser único na Palestina. Centenas de jarros inteiros foram encontrados no edifício, bem como uma pedra tipo Estela, com linhas e uma roseta cinzeladas. Esta Estela revelou ser um símbolo real/cultural assírio. O edifício também continha alguns jarros culturais de tipo assírio e um dente de elefante em que estava esculpida a figura de uma rainha e o nome do rei egípcio

Merneptah.<sup>7</sup> Em 1995, foi descoberta uma cobra enroscada (*uraeus*) egípcia, com 23 centímetros, feita de ouro. Outros objetos egípcios foram descobertos noutras áreas. Estes objetos indicam a existência de uma forte influência egípcia durante a fase final de ocupação da cidade. Os avisos dos profetas hebreus contra o estabelecimento de uma aliança com o Egito, predizendo a destruição e o consequente cativeiro, estavam baseados numa realidade que, em breve, ocorreria (Jeremias 42:14-19; Ezequiel 17:11-24). A influência e a dominação do Egito sobre as cidades filisteias nos anos finais do sétimo século não as salvariam do ataque impetuoso de Nabucodonosor.

### A inscrição

A escavação de 1996, em Ecron, fez, talvez, a descoberta mais impressionante: uma inscrição encontrada entre o entulho resultante da destruição do santuário situado no complexo do templo. Tendo sido descoberto numa posição invertida, o bloco de calcário retangular é semelhante àqueles utilizados para a edificação de edifícios em Ecron. O local onde

foi descoberto sugere que ele era originalmente parte da parede ocidental do santuário. Seria mesmo o seu ponto principal, dado que exibía uma inscrição com uma dedicatória real do templo. A inscrição está completa, contendo cinco linhas que foram traduzidas pelo célebre epigrafista Joseph Naveh, da Universidade Hebraica de Jerusalém. Ela diz o seguinte:

1. O templo (que) ele construiu 'kys filho de Padi, filho de
2. *Ysd*, filho de Ada, filho de *Ya'ir*, regente de Ecron,
3. Para *Ptgyh* a sua Senhora. Que ela o possa abençoar, e
4. prote[gê-]lo, e prolongar os seus dias, e abençoar
5. a sua [t]erra.<sup>8</sup>

O regente de Ecron, identificado como sendo *Ikasu*,<sup>9</sup> também é mencionado como rei de Ecron nos registos assírios de Esarhaddon e Ashurbanipal.<sup>10</sup> A redação apenas com consoantes é a mesma do nome *Aquis*, o nome do(s) célebre(s) rei(s) de Gath identificado(s) na Bíblia durante a época de David e Salomão (I Samuel 21; 27; 28; 29; I Reis 2:39 e 40),<sup>11</sup> três séculos e meio mais cedo do que esta inscrição. *Padi*, o pai de *Ikasu*, é identificado como rei de Ecron nos anais de Sen-





nacherib, no contexto da sua terceira campanha de 701 a.C..<sup>12</sup> Os antepassados adicionais identificados na inscrição dedicatória aparecem aqui pela primeira vez, no entanto a sua importância não pode ser sobrestimada. Eles apontam para um período de sucessão dinástica que durou, pelo menos, desde o oitavo até ao final do sétimo século a.C.. Além disso, eles ajudam a encontrar uma data de fundação do complexo do templo que se situaria por volta de 650 a.C..<sup>13</sup>

Finalmente, a menção de *Ptgyh*, a deusa a quem este templo foi dedicado, fornece uma perspetiva importante acerca das práticas culturais e religiosas dos Filisteus. O nome é de origem não semita, sendo talvez um nome filisteu ou indo-europeu. Embora nos seja desconhecida, ela “deve ter sido uma deusa dotada de considerável poder, de modo a salvar a cidade e a dinastia e a cidade”.<sup>14</sup>

No entanto, o seu poder revelou-se inadequado. As atividades comerciais desta cidade-estado vassala do império neo-assírio, então sob a influência do Egito, foram abruptamente interrompidas pela invasão dos Babilônios, sob a liderança de Nabucodonosor, em 603 a.C.. Um nível de destruição maciça evidenciado por colunas derrubadas, centenas de jarros de armazenamento esmagados

e andares superiores do templo monumental colapsados atestam da força destrutiva dos invasores babilônios. Outras cidades filisteias, tais como Asquelon, Asdod e Timna, também sofreram uma destruição semelhante às mãos dos Babilônios. Incapaz de readquirir o ímpeto necessário, e com o seu núcleo cultural perdido, a cultura filisteia também colapsou; o seu povo, disperso ou deportado, foi rapidamente assimilado pelas culturas circunvizinhas.<sup>15</sup>

Hoje apenas restam como testemunhas os seus vestígios. Traços daquilo que foi uma cultura florescente continuam a fornecer pistas sobre o passado distante. Foi uma era em que grandes homens, como David e Golias, viveram e combateram. Foi uma nação que Deus usou para testar Israel. Hoje as palavras do profeta Sofonias continuam a ecoar sobre os montes silenciosos de ruínas: “Porque Gaza será desamparada e Ascalon assolada: Asdod ao meio-dia será expelida e Ekron desarraigada. Ai dos habitantes da borda do mar, do povo dos quereteus! A palavra do Senhor será contra vós, ó Canaã terra dos Filisteus, e eu vos farei destruir, até que não haja morador” (Sofonias 2:4 e 5). ♣

• **Michael G. Hasel**  
Professor de Arqueologia

1. T. Dothan, “What We Know about the Philistines”, *Biblical Archaeology Review* 8/4 (1982), pp. 30-35; N. K. Sanders, *The Sea People: Warriors of the Ancient Mediterranean 1250-1150 B.C.*, rev. ed., London: Thames and Hudson, 1985.

2. T. Dothan e M. Dothan, *People of the Sea: The Search for the Philistines*, New York: Macmillan, 1992, pp. 242-245.

3. T. Dothan, “Tel Miqne-Ekron: The Aegean Affinities of the Sea Peoples’ [Philistines] Settlement in Canaan in Iron I”, in *Recent Excavations in Israel: A View to the West*, *Archaeological Institute of America Colloquia and Conference Papers* 1, Dubuque, Iowa: Archaeological Institute of America, 1995, pp. 41-59.

4. Dothan e Dothan, p. 252.

5. S. Gitin, “Ekron of the Philistines: The Rise and Fall of a 7<sup>th</sup> Century BCE Neo-Assyrian Vassal City-State”, *Orient-Express*, 1994, pp. 20-22.

6. D. Eitam, “Tel Miqne-Ekron Survey of Oil Presses: 1985-1986”, *Excavations and Surveys in Israel* 1986, pp. 72-74. Veja também S. Gitin, “Ekron of the Philistines”, Part II: “Olive Suppliers to the World”, *Biblical Archaeology Review* 16/2 (1990), pp. 23-42, 59.

7. Sobre a presença de Merneptah em Canaan veja-se M. G. Hasel, “Israel in the Merneptah Stela”, *Bulletin of the American School of Oriental Research* 296 (1994), pp. 45-61.

8. S. Gitin, T. Dothan e J. Naveh, “A Royal Dedicatory Inscription From Ekron”, *Israel Exploration Journal* 47/1-2 (1997), pp. 1-16.

9. J. Naveh, “Khirbet al-Muqanna Ekron”, *Israel Exploration Journal* 8 (1958), pp. 87-100, 165-170.

10. A. L. Oppenheim, “Babylonian and Assyrian Historical Texts”, in *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 3rd ed. J. B. Pritchard (ed.), Princeton: Princeton University Press, 1969, pp. 291, 294.

11. O nome na inscrição dedicatória escreve-se de modo idêntico ao nome de Aquis, rei Filisteu do Antigo Testamento. Isto refuta algumas teorias antigas que encontravam uma origem troiana para este nome: Anquises. Os tradutores sugerem que o nome derivou de *Akhayus*, isto é, “Aqueu”, significando “Grego”. Isto tem implicações importantes para a origem dos Filisteus. Gitin, Dothan e Naveh, “Royal Dedicatory Inscriptions”, p. 11. Cf. D. L. Christensen, “Achish”, in *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 1, D. N. Freedman (ed.), New York: Doubleday, 1992, pp. 55 e 56.

12. Oppenheim, p. 287.

13. Gitin, Dothan e Naveh, p. 16.

14. *Idem*, p. 11.

15. Gitin, p. 22; Gitin, Dothan e Naveh, p. 3; Para uma outra perspetiva sobre o processo de aculturação, veja-se B. Stone, “The Philistines and Acculturation: Culture, Change and Ethnic Continuity in the Iron Age”, *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 298 (1995), pp. 7-32.



# Recreação ou divertimento?

É errado um Cristão divertir-se? Que tipo de recreação é permitido ao Cristão? Este tema é bastante interessante. Algumas pessoas olham para certos Cristãos e veem neles pessoas carrancudas e tristes, que não podem fazer nada de divertido, nem sequer ir à praia, à piscina ou a uma festa de aniversário com amigos e familiares. Muitos não querem ser Cristãos justamente porque

partilham essa visão distorcida de que o Cristão não tem na vida momentos de alegria. Entretanto, a Bíblia afirma: “Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho. No entanto, vi também que isto vem da mão de Deus” (Eclesiastes 2:24).

## **Ellen White e a recreação**

Ellen White tinha muito a dizer sobre este tema. Ela escreveu:

“Os Cristãos devem ser as pessoas mais alegres e felizes que existem. Podem ter a consciência de que Deus é seu Pai e Amigo constante. Mas há muitos professos Cristãos que não representam corretamente a religião cristã. Parecem tristes, como se estivessem sob uma nuvem. Falam frequentemente do grande sacrifício que fizeram para se tornarem Cristãos. Apela para aqueles que não aceitaram Cristo, demons-



trando por seu próprio exemplo e conversação que não devem abandonar tudo o que tornaria a vida agradável e alegre. Lançam um manto de sombras sobre a bendita esperança cristã. Dão a impressão de que as ordens de Deus são um fardo mesmo para a pessoa disposta, e que tudo o que dá prazer ou que agrada o gosto deve ser sacrificado” (*Mensagens aos Jovens*, p. 363). E ela diz mais: “Há pessoas de imaginação doentia, para quem a religião é um tirano, governando-as como com varas de ferro. [...] Ficam frias perante o inocente riso da juventude ou de quem quer que seja. Consideram toda a recreação ou diversão um pecado, e pensam que a mente deve estar constantemente a trabalhar no mesmo grau de severa tensão. Isto é um extremo. Os verdadeiros princípios do Cristianismo abrem a todos uma fonte de felicidade, cuja altura e profundidade, comprimento e largura são incomensuráveis” (*Conselhos Sobre Saúde*, p. 631).

É certo que há diferença entre recreação e divertimento. A recreação, na verdadeira aceção do termo, é uma recriação. Tende a fortalecer e a construir o intelecto e o físico. Afastando-nos dos nossos cuidados e das nossas ocupações usuais, proporciona descanso à mente e ao corpo, e assim habilita-nos a voltar com novo vigor às nossas atividades normais. Quem desenvolve trabalho sedentário necessita muito especialmente de recreação que apele ao aspeto físico. Por outro lado, o divertimento é procurado com o fim de proporcionar prazer e é muitas vezes levado ao excesso. Ele absorve as energias que são necessárias para o trabalho útil e, desta maneira, revela-se um estorvo ao verdadeiro êxito da vida do filho de Deus.

Alguns crentes vivem fechados dentro do seu mundo e acham que todos devem ser como eles. São carrancudos, não participam em nenhuma atividade, não saem. E fazendo assim dão um péssimo exemplo às pessoas que os rodeiam e, sem querer, exibem um Cristianismo desfigurado. No entanto, essa não é a vida que Deus quer que vivamos. O Cristão pode e deve participar de recreações que desenvolvam o lado físico e social. A recreação sadia faz muito bem à saúde e é uma ótima forma de fazer amigos, de aliviar a tensão do dia-a-dia, além de ser uma excelente oportunidade para se testemunhar do amor de Deus às pessoas.

A recreação deve fazer parte da nossa rotina. Devemos programar esses momentos e investir neles, especialmente quem tem filhos pequenos ou adolescentes. Precisamos de ter tempo para passar com a família, com os amigos e com os jovens e irmãos da igreja. Quanto à escolha da forma ou do tipo de diversão, o que

devemos fazer, como Cristãos, é escolher aquilo que agrada a Deus e que não seja motivo de tropeço para nós, nem transmita um mau testemunho ao nosso próximo.

### **Os Cristãos, Jesus e a recreação**

Jesus tinha momentos de recreação. Quando observamos superficialmente a vida de pessoas como Jesus, Pedro, Ellen White e outros personagens da história da Igreja Cristã, podemos ser levados a pensar que eram pessoas sérias, que sorriam pouco ou que não gostavam de brincar ou de se divertir. Porém, ao estudarmos este assunto com a aplicação que lhe é devida, percebemos que, quando alguém decide viver de forma plena e abundante ao lado de Cristo e no convívio com o seu próximo (João 10:10), essa pessoa será alguém pronto a transmitir uma alegria contagiante, muita saúde e abundante vitalidade.

O plano do Senhor para a vida cristã inclui a recreação. O próprio Deus criou o prazer. Deus criou todas as coisas, inclusive os momentos de prazer, e é Seu desejo que os Seus filhos encontrem o verdadeiro prazer. As seguintes afirmações inspiradas soam quase como um conselho. Leia com atenção os seguintes textos do Espírito de Profecia: “É privilégio e dever dos Cristãos procurar refrigerar o espírito e revigorar o corpo mediante inocente recreação, com o intuito de empregar as energias físicas e mentais para a glória de Deus” (*Mensagens aos Jovens*, p. 364). “A infância de Jesus, passada na pobreza, não tinha sido contaminada pelos hábitos artificiais de uma era corrupta. Ao trabalhar no banco de carpinteiro, desempenhar as responsabilidades da vida doméstica e aprender as lições da obediência e do traba-

**A RECREAÇÃO  
DEVE FAZER  
PARTE DA NOSSA  
ROTINA. DEVEMOS  
PROGRAMAR ESSES  
MOMENTOS E  
INVESTIR NELES,  
ESPECIALMENTE  
QUEM TEM FILHOS  
PEQUENOS OU  
ADOLESCENTES.**

lho, encontrava recreação entre as cenas da Natureza, recebendo conhecimento enquanto procurava compreender os mistérios dessa Natureza. Estudava a Palavra de Deus, e as suas horas de maior felicidade eram aquelas em que Se podia afastar do cenário do Seu trabalho e ir para o campo a meditar nos tranquilos vales, a manter comunhão com Deus na encosta da montanha ou entre as árvores da floresta” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 28, ed. P. SerVir).

Note que Jesus era uma criança normal. Ele brincava! Já viu crianças a brincar sem que esbocem um sorriso? Jesus aproveitava os elementos da Natureza para Se recrear e, ao mesmo tempo, lembrava-Se das lições que a Sua mãe lhe ensinava sobre Deus. Depois de ter crescido, Jesus desenvolveu um espírito sempre alegre e sociável. O Seu primeiro milagre foi feito numa festa de casa-

mento. O que foi Jesus fazer nessa festa de casamento? Foi para se sentar à mesa, conversar com as pessoas e recrear-Se um pouco, pois Ele, a Sua mãe e os Seus discípulos também foram convidados. É claro que Ele também usou aquele momento para fazer o Seu primeiro milagre.

### **Recreação saudável**

Como é que os Cristãos, hoje, podem aproveitar as oportunidades oferecidas pela Natureza para também se recrearem de modo saudável? Fazendo caminhadas com amigos, escalando montanhas, desenvolvendo atividades de canoagem, indo à praia, ao rio ou à piscina para se refrescarem. Estas são atividades maravilhosas que podemos e devemos realizar para nos beneficiarmos física, mental e espiritualmente. Há também alguns parques temáticos interessantes que os

Cristãos podem frequentar e que proporcionam horas agradáveis de recreação saudável. Além disso, pode-se fazer algum desporto saudável, como voleibol, basquetebol ou futebol. Mas isto deve ser realizado apenas como recreação e nunca como competição. Para além destas atividades, as famílias e os jovens podem reunir-se para um jantar ou para confraternizar de modo inocente. Leia o que nos dizem estes textos inspirados: “A Natureza está sempre a acenar aos jovens para a aventura e a exploração. A recreação ao ar livre, a contemplação das obras de Deus na Natureza, será do mais alto benefício” (*Mensagens aos Jovens*, p. 381). “Para que as crianças e os jovens tenham saúde, alegria, vivacidade e músculos e cérebro bem desenvolvidos, convém que estejam muito ao ar livre, e tenham uma ocupação e recreação bem regulada” (*Conse-*





*lhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 83). “Há espécies de recreações grandemente benéficas tanto para a mente como para o corpo. Uma mente esclarecida e perspicaz encontrará abundantes meios de entretenimento e diversão nas fontes não só inocentes, mas instrutivas. A recreação ao ar livre e a contemplação das obras de Deus na Natureza serão do mais elevado benefício” (*Conselhos Sobre Educação*, p. 57).

Que tipos de diversão são prejudiciais? Os jovens cristãos não dançam, não bebem bebidas alcoólicas, não fumam, não experimentam o sexo antes e fora do casamento, não veem filmes que impliquem violência física e espiritual e não se divertem com

jogos de caráter violento. É pena que “em algumas famílias cristãs, a dança e o jogo de cartas são feitos um passatempo familiar. Eles não dão vigor ao corpo nem repouso à mente. Não implantam na alma qualquer sentimento santo ou virtuoso” (*O Lar Adventista*, p. 516).

Concluimos que o Cristão deve primeiro cumprir o dever para depois aproveitar o lazer. O dever é buscar Deus e ter um relacionamento saudável com Ele. O dever leva a cumprir as responsabilidades profissionais, escolares e familiares. Somente depois haverá oportunidade para o lazer. No entanto, o Cristão pode ser muito feliz! Ele pode ser feliz, porque possui a alegria da salvação. Essa

alegria habita dentro de cada um de nós. Ela é um grande tesouro e não podemos permitir que Satanás nos roube esse tesouro. David rogou a Deus que lhe desse outra vez essa alegria (Salmo 51:12). O crente deve viver feliz, porque a alegria do Senhor é a sua força, e quem não tem alegria não tem força. De facto, Neemias escreveu que a alegria do Senhor é a nossa força (Neemias 8:10). A nossa esperança mantém-se quando a nossa alegria é estável (Romanos 12:12), pelo que o crente deve estar sempre alegre, mesmo quando estiver sob tentação (Tiago 1:2). Por isso, viva feliz! ✨

• **Luís Carlos Fonseca**  
Pastor

*Os Adventistas do Sétimo Dia juntam-se às testemunhas cristãs de todos os tempos.*

# A palavra segura

O livro de Apocalipse, como o livro de Daniel no Antigo Testamento, está cheio de declarações proféticas sobre eventos que devem ocorrer, terminando com o clímax do Segundo Advento de Cristo. Os Adventistas do Sétimo Dia declaram que o homem que crê na inspiração da Bíblia pode chegar a uma só conclusão. Essa conclusão é a seguinte: embora o homem finito não possa saber o tempo exato do Advento de Cristo, ele pode saber quando esse evento está próximo, mesmo às portas, e pode obter esse conhecimento através de um estudo das profecias no Livro de Deus.

Os Adventistas do Sétimo Dia enfatizam o facto de que esta é precisamente a conclusão a que chegaram vários homens piedosos ao longo dos séculos. Os Milleritas não afirmavam ser os primeiros a pesquisar as profecias da Bíblia numa tentativa de aprender algo

sobre o plano de Deus para o futuro do nosso mundo. Pelo contrário, aqueles que tomaram parte no movimento do Advento há cento e sessenta anos declararam enfaticamente que estavam a proclamar a antiga doutrina do Segundo Advento no quadro das profecias que se cumpriam e que a sua compreensão destas profecias estava de acordo com as conclusões dos mais devotos e eruditos teólogos das gerações anteriores.

O assunto da profecia bíblica tem ocupado as horas de estudo não apenas de homens piedosos, mas também dos mais sábios académicos cristãos. Ao contrário do que afirma uma certa perspectiva raze e cética, a erudição e o amor pelas Escrituras têm, frequentemente, andado mão na mão, havendo um profundo interesse erudito nas profecias inspiradas das Escrituras. A pesquisa sobre estas profecias não é um passatempo peculiar de fanáticos e

loucos. Embora os sábios que têm feito da profecia o seu especial domínio de estudo tenham diferido em muitos pontos, o número de pontos em que estão de acordo é bastante encorajador para todos os que creem que a Bíblia é inspirada e que, quanto mais é estudada, melhor pode ser compreendida.

Todos conhecem o nome de Sir Isaac Newton, sem dúvida um dos homens mais brilhantes que alguma vez viveu, o cientista que formulou a Lei da Gravitação Universal e algumas das leis do movimento. Mas poucas pessoas sabem que Sir Isaac Newton empregou a sua energia não apenas dedicando-se às coisas do mundo natural, mas também dedicando-se às coisas do mundo espiritual. Ele foi um grande estudioso da profecia bíblica e escreveu um livro intitulado *Observations Upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of Saint John* (Observações sobre as profecias de Daniel e do Apoca-

lipse de São João). Ele defendeu a posição de que Deus pretende que os homens entendam as várias profecias quando o tempo do seu cumprimento se encontra próximo. Ele não acreditava que Deus pretendia que as profecias deviam ser usadas por qualquer intérprete muito antes do tempo, para prever eventos que não poderiam ser conhecidos de outra forma, como se Deus pretendesse fazer desse intérprete um profeta. Isto levou-o a concluir: “Mas se a era final, a era de se abrir estas coisas, se estiver agora a aproximar, como parece ser o caso, dados os grandes sucessos dos últimos intérpretes, temos mais encorajamento do que nunca para atentar nestas coisas. Se a pregação geral do Evangelho se aproxima, é a nós e à nossa posteridade que estas palavras pertencem: 'no tempo do fim nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão.' 'Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas, porque o tempo está próximo!' Há já uma tão grande parte da profecia cumprida que todos os que se empenharem neste estudo poderão ver suficientes provas da providência de Deus. Mas, então, as assinaladas revoluções preditas por todos os santos profetas imediatamente dirigirão os olhos dos homens tanto para considerarem as predições, como para as interpretar. Até então devemos contentar-nos em interpretar o que já foi cumprido. Entre os intérpretes do século passado dificilmente há um que não tenha feito alguma descoberta que mereça ser conhecida; e, assim, parece-me que Deus está prestes a abrir estes mistérios. O sucesso dos outros levou-me a considerar estas profecias; e, se fiz algo que possa ser útil aos escritores que me seguirão, atingi o meu objetivo.”

Em ligação com esta reflexão, Sir Isaac Newton esboça um paralelo entre o Primeiro e o Segundo Adventos de Cristo: “Tal como as poucas e obscuras profecias sobre a Primeira Vinda de Cristo foram destinadas a fundar a religião cristã, a qual foi, desde então, corrompida por todas as nações, também as muitas e claras profecias sobre as coisas que se realizarão na Segunda Vinda de Cristo não são apenas para predizer o futuro, mas também para a recuperação e o reestabelecimento da verdade há muito perdida e para a instauração de um reino onde habita a justiça.”

Disse Sir Isaac Newton: “Parece-me que Deus está prestes a abrir estes mistérios.” Isto foi escrito cerca de cem anos antes de William Miller começar a pregar. Os Adventistas do Sétimo Dia concordam de todo o coração com Newton sobre o facto de que as profecias sobre a Segunda Vinda de Cristo estão destinadas a desempenhar um papel importante “para a recuperação e o reestabelecimento da verdade há muito perdida e para a instauração de um reino onde habita a justiça”.

Apenas duas perspectivas sobre o futuro do nosso mundo foram aceites na Cristandade. Uma é a de que o homem, pelos seus poderes inerentes, ou através de uma certa quantidade de sabedoria e de bondade infusas, irá finalmente expulsar a maldade da Terra e recriar este mundo mau. A outra perspectiva é a de que Deus irá subitamente terminar esta era má e fundar sobrenaturalmente uma Nova Terra, onde habita a justiça. A primeira crença está, provavelmente, muito descredibilizada hoje. Com o mundo afetado por duas guerras mundiais e por múltiplos conflitos, mesmo os mais ardentes crentes no potencial inerente do homem para o bem têm sido forçados a

confessar que pode haver alguma verdade na velha doutrina sobre a pecaminosidade do homem. Nem há qualquer razão para se crer que o mais perfeito plano de paz para a Europa ou para o mundo pode remover do homem esta coisa má chamada pecado, esta força profundamente enraizada que se manifesta em inveja, ciúme, avareza, ódio, homicídio e outras milhares de formas aparentadas. Assim, se devemos aguardar um mundo melhor resultante dos esforços humanos, ficamos entregues a uma doutrina de pessimismo.

A segunda perspectiva, de que o dia da graça de Deus para aqueles que estão determinados em fazer o mal está a chegar ao fim e de que então Cristo vai regressar, é uma perspectiva que tem o apoio dos profetas, dos apóstolos e dos credos dos grandes corpos religiosos fundados ao longo dos séculos. Os Adventistas do Sétimo Dia estão comprometidos com esta perspectiva genuinamente otimista. Eles gastam as suas energias e os seus recursos para a sua promoção. Eles promovem-na no quadro das profecias bíblicas, as quais, segundo a confissão de muitos comentadores, têm sido cumpridas no último século da Era Cristã. E eles creem, juntamente com estes comentadores das profecias, que o grande evento seguinte é a vinda de Cristo. Os Adventistas do Sétimo Dia veem-se como estando na sucessão espiritual daqueles que sempre olharam para Deus, e não para o homem, em busca da solução para a tragédia em curso num mundo mau. Nem sentem que devem esperar muito pela solução, pois creem que a vinda de Cristo “está perto, mesmo às portas”. ❖

· **Francis D. Nichol**  
Teólogo

# GUIADOS *pela* VERDADE

“.. E VOS ANUNCIARÁ  
O QUE HÁ DE VIR.” JOÃO 16:13.

4-10 DE OUTUBRO

**DIA 4** LIVRE DA ESCRAVIDÃO • PORTO • 20H

**DIA 5** FOME E SEDE • CANELAS • 20H

**DIA 6** FINOS TRAJES • COIMBRA • 20H

**DIA 7** PODES PURIFICAR-ME! • SETÚBAL • 20H

**DIA 8** A TRANSFIGURAÇÃO • LISBOA-CENTRAL • 11H / 20H

**DIA 9** RESTAURAÇÃO • LISBOA-CENTRAL • 20H

**DIA 10** AS COLUNAS DA VERDADE • FARO • 20H



LUÍS GONÇALVES

CONFERENCISTA

TRANSMISSÃO EM DIRETO EM [WWW.HOPETV.PT](http://WWW.HOPETV.PT)

ENTRADA LIVRE